

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
MESTRADO ACADÊMICO EM GEOGRAFIA**

VERA LÚCIA MARTINS FIGUEIREDO

**A FÉ QUE CAMINHA SOBRE A TERRA E AS ÁGUAS: os roteiros
devocionais do Círio de Nazaré e suas manifestações espaciais.**

Fortaleza – CE

2013

VERA LÚCIA MARTINS FIGUEIREDO

A FÉ QUE CAMINHA SOBRE A TERRA E AS ÁGUAS: os roteiros devocionais do Círio de Nazaré e suas manifestações espaciais.

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia do Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestra em Geografia. Área de Concentração: Análise Geoambiental e Ordenação do Território nas Regiões Semi-Áridas e Litorâneas.

Orientador: Prof. Dr. Otávio José Lemos Costa

Fortaleza – CE

2013

Dados para catalogação na fonte

Setor de processamento técnico

Biblioteca Central IFPA- Campus Belém

F475f Figueiredo, Vera Lúcia Martins.

Título: A FÉ QUE CAMINHA SOBRE A TERRA E AS ÁGUAS: Os roteiros Devocionais do Círio de Nazaré e suas manifestações espaciais/Vera Lúcia Martins Figueiredo. _____ Fortaleza, 2013.
101f.

Impresso por computador (fotocópia).

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia)___ Universidade Estadual do Ceará, 2013.

Área de Concentração: Semiárido

Orientação: Prof. Dr. Otávio José Lemos Costa

1.Geografia da Religião. 2. Círio. 3. Roteiros Devocionais. I Título.

CDD: 200.9

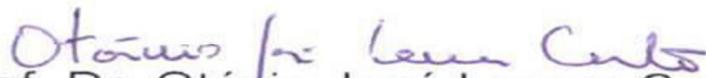
VERA LÚCIA MARTINS FIGUEIREDO

A FÉ QUE CAMINHA SOBRE A TERRA E AS ÁGUAS: os roteiros devocionais do Círio de Nazaré e suas manifestações espaciais.

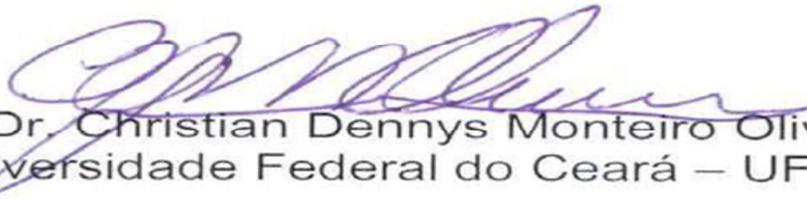
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia do Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestra em Geografia. Área de Concentração: Análise Geoambiental e Ordenação do Território nas Regiões Semi-Áridas e Litorâneas.

Aprovada em: 26/04/2013

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Otávio José Lemos Costa
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Christian Denny Monteiro Oliveira
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof^a. Dr^a Adelita Neto Carleial
Universidade Estadual do Ceará - UECE

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos egressos da graduação em Geografia do IFPA-Campus Belém, Brena Camila e Vinicius Warlem, pela força, dedicação e ajuda nos momentos necessários para somar na construção desta Dissertação.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo e especialmente a Deus por permitir o alcance do meu objetivo aos sessenta anos de idade.

Aos meus filhos Fabrício, Fabíola e Fabiane, pela compreensão e apoio em momentos difíceis.

Ao meu netinho Guilherme, pela docilidade e graciosidade da sua infância, aspectos estes que me encorajaram.

Aos meus amigos de trabalho que influenciaram para a continuidade dos meus estudos: Celiamar Simões, Acilene Cruz, Jedna Kato, Lúcia Rocha, Solange Corrêa, Márcio Benício e Luziane Mesquita.

À Prof^a Msc. Helena Rocha, pelo apoio, compreensão, ajuda pessoal e profissional.

Ao Prof. Dr, Raimundo Elmo, pelo apoio e consideração como professor e como orientador na primeira fase deste trabalho.

Ao Prof. Dr.Otávio Lemos, por ter acreditado e confiado no meu objetivo como Orientador até a finalização desta Dissertação.

Que Lugar é Esse?

Sebastião Tapajós

Que Lugar é Esse?

Em que como já disse o poeta, rios são ruas, avenidas talvez.

E que outro poeta, tão belamente, acrescentou:
“donde um curumim assiste da canoa um boing riscando o vazio”.

Que Lugar é Esse?

Onde égua e pai d'égua são muito mais do que equinos,
onde, apesar do calor de trinta e poucos graus, nos deliciamos com uma
iguaria chamada tacacá, servida fumegante pelas esquinas da cidade.

Que Lugar é Esse?

Que faz do mês de Outubro ser tão especial quanto dezembro,
por conta de uma pequena imagem,
que nos faz chorar por mover milhões,
homens e mulheres, de raças, idades e credos diferentes,
e que têm em comum apenas um enorme sentimento de esperança.

Que Lugar é Esse?

Onde podemos sentir o cheiro da chuva, que antes tinha hora certa,
mas que sempre chega,
e apesar de ter perdido a pontualidade, continua charmosíssima.

Que Lugar é Esse?

Em que todos os papagaios voam, uns de pena, outros de papel de seda
colorido. Em que a coca-cola divide espaço com cupuaçus, bacuris, taperebás
e outros sucos de exóticos sabores.

RESUMO

Este trabalho focaliza os roteiros devocionais como objeto de estudo e como problematização à realização de onze eventos entre procissões e romarias no período de quinze dias de festividades e na realização do Círio em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará. Todavia, a quantificação dos roteiros devocionais está relacionada ao fato da dimensão que a festividade atingiu na Região Metropolitana da Grande Belém, espaço geográfico por onde estão estabelecidos os trajetos das procissões e romarias. Conforme o contexto histórico regional, a dominação religiosa no âmbito da Amazônia Brasileira aconteceu de forma inconsequente frente aos nativos e caboclos amazônidas, estabelecendo preceitos e dogmas alheios à cultura local. Porém, a vontade popular prevaleceu e há quase três séculos a festa da padroeira dos paraenses apresenta ao mundo um cenário multicultural, convertendo a identidade regional no período das festividades em simbologias inerentes ao contexto das homenagens. Logo, as procissões e romarias representam estes aspectos da participação popular sem perder o vínculo com a crença religiosa. Cada roteiro devocional tem uma razão de existir, seja pela vontade dos jovens, dos motociclistas, dos ciclistas ou dos ribeirinhos. Contudo, para a comprovação efetiva e muito particular do referido evento foi realizada a pesquisa de campo em forma de entrevista aberta para ouvir o público envolvido nos vários aspectos da festividade e a partir deste trabalho foram estabelecidas as categorias de turistas, visitantes e habitantes da Grande Belém. Adotei ainda a pesquisa bibliográfica específica na perspectiva de entendimento e aprofundamento sobre a grandiosidade deste evento religioso, complementando com a observação *in loco* de dois roteiros específicos (Romaria Fluvial e Ciclo Romaria) e para a construção de parte dos textos trabalhei com a pesquisa narrativa.

Palavras- Chave: Geografia da Religião. Círio. Roteiros Devocionais.

ABSTRACT

This present study focuses on the devotional scripts as object of study and as problematization to, the accomplishment of eleven events among processions and pilgrimage within fifteen days of festivities in honor of Our Lady of Nazareth, in Belém do Pará. However, the quantification of devotional screenplays is related to the fact that the dimension of the festival hit in the metropolitan region of Belém, geographical space where the paths of the processions and pilgrimage are established. According to the regional historical, religious domination within the Brazilian Amazon has happened so inconsequential towards the Amazonians natives and “caboclos”, establishing precepts and dogmas other than local culture. But the popular desire prevailed and for almost three centuries the festivity of the patron saint of Pará shows the world a multicultural setting, converting regional identity in the period of the festivities in symbols inherent to the tributes context. Soon, processions and pilgrimages represent these aspects of popular participation without losing the link with religious belief. Each devotional script has a reason to exist either by the willingness of young people, the motorcycle drivers, cyclists or riparian. However, to prove effectiveness and peculiarity of the event it was made a field research in the form of an open interview to hear the audience involved in the various aspects of the festival and from this work it was established categories of tourists, visitors and residents of the Graet Belem. I also adopted a specific bibliographic research in the perspective of understanding and deepening about the greatness of this religious event, complementing the “*in loco*” observation of two specific itinerary (River Pilgrimage and Cycle Pilgrimage) and for the construction of part of the texts I worked with narrative research .

Keywords: Geography of Religion. Candle. Devotional scripts.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Mapa Político do Estado do Pará	20
Mapa 2	Bairros, ilhas e distritos do Município de Belém	21
Mapa 3	Localização de Vigia de Nazaré	50
Mapa 4	Região Metropolitana de Belém	65
Mapa 5	Romaria Rodo-fluvial	68
Mapa 6	Ciclo Romaria	75

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Vista aérea da Cidade de Belém/PA	19
Figura 2	Basílica e o CAN	39
Figura 3	Catedral da Sé	40
Figura 4	Interior da Catedral da Sé	40
Figura 5	Arrastão do Pavulagem	43
Figura 6	Auto do Círio	44
Figura 7	A Festa das Filhas da Chiquita	45
Figura 8	Translado Ananindeua	67
Figura 9	Romaria Fluvial	69
Figura 10	Motorromaria	70
Figura 11	Transladação	71
Figura 12	Círio e promesseiros	72
Figura 13	Círio e a corda	72
Figura 14	Corda	79
Figura 15	Berlinda	80
Figura 16	Manto	81
Figura 17	Carro dos Promesseiros	83
Figura 18	Carro das crianças vestidas de Anjos	83
Figura 19	Romaria Fluvial/2012	85
Figura 20	Ganhador do Concurso	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Procedência dos participantes das Festividades Nazarenas.	61
Gráfico 2	Quantidade/Categoria Habitantes da Grande Belém	62
Gráfico 3	Representação esquemática da configuração espaço/tempo	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: A CIDADE METRÓPOLE COMO LUGAR DE FESTIVIDADES RELIGIOSAS	19
1.1 Conceito de Lugar	28
1.2 A escolha do Lugar	30
CAPÍTULO 2: A FESTA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ	35
2.1 Conceito de Festa	46
2.2 Histórico da Festa	49
2.3 A Cidade de Belém como área de Convergência	55
CAPÍTULO 3: OS ROTEIROS DEVOCIONAIS	59
3.1 Procissões e Romarias	77
3.2 Analogias, Contradições e as polivocalidades das romarias	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
APÊNDICE	96
ANEXOS	98

INTRODUÇÃO

Que a fé move montanhas, muito já se ouviu falar. Mas no mês de outubro, na cidade de Belém do Pará, a fé caminha sobre a terra e sobre as águas, e esses caminhos percorridos pelos devotos dão origem a diversas manifestações espaciais, em especial aos roteiros devocionais, o foco deste trabalho.

O tema apresentado nesta dissertação traz aspectos, elementos e características bem peculiares de um evento religioso desencadeado pelas manifestações culturais e religiosas em forma de procissões, romarias, cultos, peças teatrais, artes cênicas e até atividades esportivas que ocorrem no espaço urbano da Grande Belém, por ocasião da realização das festividades em homenagem e celebração a Nossa Senhora de Nazaré. No decorrer da construção desta dissertação fui buscar bibliografias regionais e não regionais que deram o suporte científico e acadêmico para a realização deste trabalho, assim como a coleta de informações através da pesquisa de campo, complementando com as observações *in loco* associadas à investigação narrativa que permitiram olhar e relatar sobre a dinâmica cultural associada à prática religiosa presente nas procissões e romarias como partes componentes das festividades nazarenas, que conforme afirma Aragão em *A Natureza da Investigação Narrativa* (2003):

A narrativa ocupa um lugar importante nos mais variados campos do saber, talvez porque narrar seja inerente ao ser humano, isto é, seja uma estrutura fundamental da experiência humana vivida. Talvez, por isso, apresente uma qualidade holística, uma vez que possibilita a todos nós a expressão da história do nosso ponto de vista, do lugar de onde podemos olhar e ver não só com os olhos, mas principalmente com a mente (2003, p. 2).

No desenvolvimento desta dissertação, as categorias conceituais geográficas de espaço, lugar, território e paisagem aparecem ora em caráter peculiar, ora imbricadas; assim, interagem dando sentido à construção e apropriação do objeto de estudo.

Objetivando compreender o propósito da diversidade dos roteiros devocionais como proposta de estudo desta pesquisa, tomei como aporte metodológico a aplicação de questionários direcionados aos grupos de

peças que moram na Grande Belém, denominadas como categoria de habitantes, e as que chegam à cidade neste período, que denominei como participantes na categoria de turistas e visitantes.

O caminho que sigo no percurso da pesquisa é o método etnográfico como instrumento e reconhecimento da eficácia metodológica para a investigação sobre o objeto de estudo e por permitir a explicação do imbricado tecido histórico-cultural-religioso. Desta forma, o objeto de estudo foi desvendado com a realização da pesquisa de campo por meio de entrevistas com sessenta e três pessoas nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2011 e outubro de 2012, no âmbito da Grande Belém, cujos resultados estão representados no Capítulo 3, intitulado *Roteiros Devocionais*.

Em relação ao objetivo geral desta Dissertação, proponho compreender os roteiros devocionais no contexto das festividades nazarenas como propósitos de representatividade religiosa e cultural. Este assunto enfatiza a conjuntura da grandiosidade das procissões e romarias que mobilizam milhões de pessoas por cada roteiro específico e com características singulares, potencializados pela forma como as pessoas se organizam e se preparam para participarem delas.

Sanchis (2008), citado por Petruski em *Julho chegou... e a festa também* (2008), aponta para “a relevância de determinados momentos tanto na vida das pessoas, quanto de uma comunidade ou cidade, quando afirma que há períodos históricos onde o fenômeno é mais visível, mais real, abrangente e intenso.” No caso específico da cidade de Belém do Pará, a intensidade do fenômeno religioso nazareno se repete a cada doze meses, no segundo domingo do mês de outubro e sempre carregando ritos e símbolos culturalmente associados ao regionalismo popular, tal evento representa uma explosão de acontecimentos intensos e efêmeros.

Esta ocasião é relevante na vida de todos aqueles que professam a religião católica, porém, de alguma forma afeta também o modo de vida dos céticos e não católicos através do contexto das mudanças espaciais que se configuram no período nazareno. É impossível não perceber tamanha transformação no espaço urbano e no ritmo de vida dos que aguardam com expectativa a realização dos eventos inerentes às festividades Nazarenas.

As concepções teóricas, neste contexto, mobilizam os discursos em larga escala sobre a religião católica interagindo com a cultura amazônica. Este aspecto sustenta e condiciona a Cidade de Belém, situada no extremo norte do Estado do Pará (ver Mapa 1 em Capítulo 1 – *A Cidade Metrópole como Lugar de Festividades*), como o espaço geográfico onde ocorrem os eventos religiosos nazarenos envolvidos na fé e devoção, como também nas práticas cotidianas que estão presentes harmonicamente no sentido tempo-espaço. Colocar a dimensão religiosa voltada para a realidade amazônica no âmbito da investiga o científica requer profundidade na literatura religiosa e regional mesclada de histórias, lendas, mitos, dogmas e ritos.

O Estado do Pará, em particular, não foge à realidade das circunstâncias que envolvem o imaginário amazônico e mais especificamente, como   alusivo no pensamento caboclo, o que envolve o Céu e a Terra, ou seja, os mistérios que partem do céu e as coisas inexplicáveis no entendimento popular que acontecem na Terra. Neste sentido, é preciso acreditar no imaginário que traz uma riqueza de histórias, lendas e crenças que envolvem principalmente a floresta e as águas (rios, igarapés, furos e lagos) e norteiam os caminhos para a f  no sagrado e, conseqentemente, para os santos padroeiros e protetores que estão a abençoar e proteger cada lugar. Por mais simples que seja, todo lugar amazônico tem como primeira rua o rio, e segunda rua, cortou a floresta (esta desapareceu para dar lugar   rua); mas nesse lugar tem uma capela e l  está o santo padroeiro ou o santo protetor, principalmente nas comunidades ribeirinhas ou comunidades agrícolas onde os santos são acolhidos nas famílias e recebem denomina es extensivas delas, tendo como práticas religiosas resultantes de raízes no catolicismo popular tradicional.

Especificamente no caso de Nossa Senhora de Nazaré, ela foi eleita padroeira e protetora, conforme o dossiê *Iphan* (2004): “[Nossa Senhora de Nazaré] tornou-se protetora daqueles que viajam pelas águas desde o acontecimento em 1846 do brigue português São João Batista, que se dirigia de Belém a Lisboa e que todos conseguiram salvar-se graças à interven o da Virgem”. Considerando o potencial de águas da região e a vida dos habitantes na rela o com essa realidade, permeia a f  e a garantia da prote o contra os naufrágios nas baías e rios. Galvão, na obra *Santos e Visagens* (1976), esclarece essa associa o entre as práticas e crenças caboclas e africanas, os

rituais católicos trazidos pelos colonizadores e o quadro natural da região quando afirma

é esse misto de catolicismo europeu e de crenças indígenas, além da influência de crenças da origem africana que, praticadas em um ambiente típico como da Amazônia, concorreu para uma forma particular de organização social, que tem na religião uma das formas de manifestação desse processo de fusão de elementos, que foi consideravelmente afetado pelas condições especiais do ambiente físico (1976, p.4).

Concordando com o referido autor, este cenário de origem multicultural reforça os laços das raízes culturais que estabeleceram a proximidade intrínseca entre o homem amazônida, o quadro natural e a forma como estes aspectos têm contribuído para as festividades nazarenas, com a continuidade, por exemplo, do hábito europeu de enfeitar as janelas das casas com símbolos religiosos para saudar a passagem da Santa, também de introduzir nas festividades a arte cênica, através do arrastão do Círio, que representa a Lenda da Cobra Grande, de raízes tipicamente indígenas, e de praticantes do candomblé acompanhando a Procissão do Círio, visto como um aspecto intrínseco do misticismo religioso.

É necessário mencionar os locais das buscas dos registros históricos, foram realizadas pesquisas na Biblioteca do IFPA, na Biblioteca do Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR), Jornal *O Liberal*, Revista *Caminhos da Fé*, Revista *Amazônia*, Dossiê IPHAN, Jornal da Universidade Federal do Pará, Teses e Dissertações, artigos, livros científicos e acadêmicos identificados nas referências bibliográficas. Todos estes arquivos disponibilizaram materiais históricos importantes que ajudaram a produzir os parágrafos deste trabalho. As figuras têm finalidades ilustrativas que acabam por permear as contextualizações, e os mapas trazem as informações cartográficas pertinentes ao conhecimento geográfico das localizações e da região.

Os gráficos representam o material coletado da pesquisa demonstrando a preferência dos participantes quanto aos roteiros devocionais, assim como o esquema ilustrativo que representa a configuração no sentido espaço-tempo dos eventos que ocorrem no período nazareno.

Os mapas específicos dos roteiros devocionais em forma de romarias, a fluvial e a ciclo romaria, foram elaborados reunindo informações a partir da realidade e especificidade de cada trajeto.

A bibliografia definida traz contribuições inerentes ao trabalho através de autores que apresentam a temática de forma contextualizada e relevante para a pesquisa que problematiza a existência de onze roteiros devocionais, entre procissões e romarias em quinze dias de festividades, e o que isso representa para os habitantes, turistas, pesquisadores e visitantes, e a interação desses aspectos com a cultura amazônica.

Neste contexto, optei por uma abordagem no âmbito da Geografia da Religião mesclada com a Geografia Cultural, neste caso, imbuída nas práticas culturais vividas no interior da manifestação religiosa a Nossa Senhora de Nazaré. A construção do texto foi estabelecida ao longo da pesquisa e passou por um trabalho lento e meticuloso de correção, retomada a cada escritura e, sempre me deparando com alguma necessidade de revisão. O texto inicia numa dimensão histórico-contemporânea e está dividido em três capítulos, cujos objetivos específicos são:

- Identificar os percursos dos roteiros devocionais;
- Caracterizar as representações sociais que participam dos roteiros devocionais;
- Identificar os confrontos do sagrado e do profano no contexto dos roteiros devocionais.

O primeiro capítulo enfoca a Cidade de Belém do Pará não apenas como uma metrópole regional, mas também como o lugar que abriga uma das maiores manifestações religiosas do mundo, as festividades nazarenas e o Círio, tornando-a um centro de peregrinações e de convergência em apenas quinze dias de festejos.

O segundo capítulo aborda a maior festa de cunho cultural e religioso da Amazônia Brasileira, a Festa de Nossa Senhora de Nazaré, considerada também a Rainha da Amazônia, a Padroeira dos Paraenses ou a Santa das Águas.

O terceiro e último capítulo conclui este trabalho apresentando os Roteiros Devocionais como o propósito da pesquisa e como objeto de estudo.

Estes eventos de representação popular e religiosa reconfiguram e reordenam o espaço urbano da cidade metrópole, mobilizam milhões de pessoas, e os trajetos acontecem em terra e nas águas, deixando um significado especial para quem participa deles.

CAPÍTULO 1

A Cidade Metrópole como Lugar de Festividades Religiosas

A figura1, abaixo, apresenta parcialmente a cidade de Belém do Pará compreendendo a parte urbana dos bairros da Cidade Velha e Umarizal. Assim,   possível observar à direita a área do Forte do Presépio, onde a cidade teve início configurando aspectos urbanos bastante diferenciados do restante da cidade que ao longo do tempo foi expandindo de forma verticalizada conforme os padrões imobiliários.

Figura 1: Vista aérea da Cidade de Belém/PA



Fonte: site <http://www.belemdopara.com.br/2010>.
Acesso em: 18/06/2013

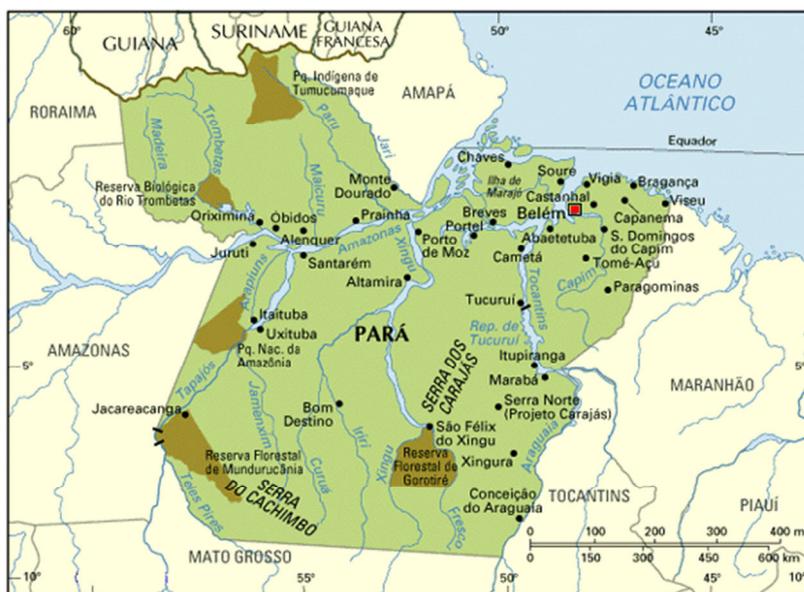
À direita, o bairro da Cidade Velha, por ser considerado patrim nio cultural devido à existência dos casarões, igrejas e praças antigos há a necessidade da preserva o permanente por parte do Governo Federal. Já   esquerda a concentra o imobiliária é extremamente acentuada

correspondente ao Bairro do Umarizal, considerado o segundo espaço mais caro em metros quadrados da cidade.

A Cidade de Belém do Pará, considerada a maior e mais influente cidade amazônica, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), tem atualmente 2.000.000 de habitantes e completou 397 anos em 12 de janeiro de 2013. Está localizada na parte setentrional do Brasil, ela faz parte politicamente da Mesorregião do Nordeste Paraense e está situada na confluência do Rio Guamá com a Baía de Guajará, esses aspectos geográficos fazem parte do sistema hídrico composto pela foz do rio Tocantins, Rio Pará, Baía de Santo Antônio e Baía do Marajó. A cidade está assentada geologicamente em terrenos de planície sedimentar datados do período quaternário da era cenozóica, ela está a 1° de latitude sul e 48° de longitude oeste e historicamente surgiu no período colonial a partir da Fundação do Forte do Castelo, atualmente Forte do Presépio, e até hoje sustenta a categoria hierárquica de Metrópole da Amazônia, mantendo as funções política, econômica, cultural, turística e social.

A Capital do Pará exerce ainda uma posição estratégica no contexto da Amazônia Legal ao representar papéis importantes junto ao cenário nacional e internacional comandando, por exemplo, o comércio regional nestes cenários e as políticas no plano de desenvolvimento regional.

Mapa 1: Mapa Político do Estado do Pará



Fonte: site <http://www.guianet.com.br>

Acesso em: 22/01/2011

Na condição de única cidade no município de Belém, fora do período das festividades nazarenas, de certa forma, continua exercendo influência com características de centro de convergência desde o período colonial, a população ribeirinha e das ilhas são as que mais procuram esta cidade diariamente como centro e como sede para tratamento de saúde e principalmente para a atividade comercial, levando para Belém produtos como pescados, açaí, frutas e mandioca para a feira do Ver-o-Peso.

Na sua extensão urbana, Belém conta atualmente com sessenta e oito bairros, considerando que a expansão urbana está acontecendo no sentido norte, na direção do Distrito de Icoaraci, ao longo do trajeto da Rodovia Augusto Montenegro, e que na realidade é a expansão imobiliária que alavanca a expansão urbana neste espaço, considerando esta área como “Nova Belém”. Pensar Belém como cidade metrópole coloca em foco o pensamento de Carlos e Carreras (2005), “a mundialização, como processo de extensão e aprofundamento da formação social capitalista, ocorre desencadeando contradições novas as quais [...] se sobrepõem às contradições preexistentes”.

Conforme os autores, Belém, como cidade de um país subdesenvolvido, não foge a regra enquanto processo de urbanização. Desde o início de sua formação estão presentes os aspectos contraditórios na paisagem urbana caracterizando um perfil desordenado, concentrando inicialmente a presença do urbano apenas na área central. Na atualidade, afetada pelo processo de mundialização, reproduziu-se estes aspectos urbanos em várias outras áreas na sua extensão territorial, constituindo assim, vários núcleos de reprodução social capitalista, tornando assim um perfil urbano fragmentado. Sobre este aspecto é válido citar Simmel que, no texto *A Metrópole e a vida do Espírito* (1971), afirma que as metrópoles “ocupam um lugar singular, de ímpar riqueza e fertilidade de significados. Elas insinuam-se como uma estrutura histórica fundamental e recolhem igual legitimidade todas as correntes antagônicas do pensamento sobre a vida” (p. 42). O autor refere-se às particularidades de uma cidade metrópole que reserva aos seus cidadãos não apenas um conteúdo histórico, mas também os contrastes existentes que separam os habitantes e que nos leva a refletir sobre o fluir das vidas e sobre pensar este espaço

urbano, caracterizando ao mesmo tempo atração e repulsão, convergência e dispersão, aproximação e distanciamento.

Belém do Pará foi a cidade escolhida pela própria história da colonização da Amazônia Brasileira para sediar, a partir deste lugar, inicialmente, a segurança militar para defender a região da invasão estrangeira, e também devido à privilegiada localização geográfica no estuário do maior rio do mundo, no ponto mais próximo da Baía de Guajará. Consolidou sua vocação de entreposto comercial, e ainda no período da Amazônia Tradicional compreendido entre o início da colonização até o início dos anos 60, ostentou o perfil de cidade europeia, principalmente copiando os modelos francês e londrino, à custa da extração do látex e da exploração da mão-de-obra dos seringueiros que, segundo Monteiro em *História do Pará* (2001):

Belém não foi fundada nem instalada pacificamente. A sua consolidação como cidade custou as primeiras guerras com os nativos, levando à morte milhares de pessoas, não só índios, mas também soldados brancos (p. 36).

O primeiro vínculo religioso com o lugar data da fundação da construção militar denominada “Forte do Castelo”, em 1616. Dentro deste forte foi construída uma igrejinha sob a invocação de Nossa Senhora das Graças. Em 1617, chegaram diversas ordens religiosas: jesuítas, capuchinhos, franciscanos, carmelitas e mercedários. Então, a partir da chegada dos religiosos, passou a acontecer a catequização ou “inculturação” litúrgica. No entanto, esta ação divide a opinião dos historiadores amazônicos. Há os que acham que a catequese era necessária para conter e modificar o comportamento indígena considerado herético, pagão e bárbaro. E há os que, modernamente, consideram que houve mesmo uma intervenção violenta e injusta na formação social e cultural do povo nativo, que, conforme Gadelha (2002), a igreja utilizava diversas estratégias, entre elas, para que a compreensão do aprendizado fosse mais rápida e fácil, os jesuítas criaram produções teatrais que retratavam de maneira lúdica a ideologia católica, essa influência se faz sentir nas representações teatrais da região, como o “pássaro junino”, forma de teatro popular com aparência de opereta.

A catequização e a política de dominação precisavam garantir a paz essencial e Belém passou a ser inicialmente o lugar amazônico para colocar em prática o projeto mercantilista dos colonizadores e o projeto catequético dos missionários considerando que a igreja católica estava unida ao Estado Português sob o regime absolutista da época.

As lendas e histórias do Círio de Nazaré relatam acontecimentos interpretados no âmbito da fé católica de ordem divina, a começar em Portugal com a Lenda de Nazaré que relata sobre a antiga imagem da Virgem Maria com as seguintes características: uma estátua entalhada em madeira, sentada, de cor escura, tendo no seu colo aconchegado o menino Jesus sendo amamentado. Esta imagem identificada como a original, dos primeiros séculos do cristianismo, passou por Nazaré (Israel), Mérida (Espanha), até que no ano de 711 chegou a Nazaré (Portugal).

Conforme informações, a partir do dossiê *Iphan (2004)*, a devoção à Nossa Senhora de Nazaré de Belém do Pará começa com o achado de uma imagem de madeira de 28 centímetros de altura, semelhante a de Portugal, pelo caboclo Plácido José de Souza. Este fato ocorreu no ano de 1700, às margens lodosas do igarapé do Murutucu - atual área onde está edificada a Basílica ou Igreja Matriz - e a partir das narrativas da época, observa-se o mistério, o inexplicável deslocamento da imagem entre a capela (ermida, construída para abrigá-la) e o igarapé. Este fato chamou a atenção das autoridades eclesiásticas composta principalmente pela ordem religiosa dos jesuítas que convenceram as autoridades políticas para, a partir deste acordo, acontecer a construção da Basílica e o início das festividades e o Círio.

Neste contexto, o achado da imagem da Virgem de Nazaré e o sagrado produzido pela fé e crença popular vão se tornar uma grande oportunidade da Igreja desenvolver o seu projeto de catequização e evangelização, este fato cria dimensões de dominação tanto política quanto religiosa para estabelecer a Religião Católica no território amazônico. A partir da legitimidade e da consagração da Virgem de Nazaré como a padroeira da Província do Grão Pará, cria-se por vontade popular uma paisagem própria para manifestar a devoção e a fé, que segundo Rosendahl, em *Introdução à Geografia Cultural* (2003) “Interpretar as paisagens religiosas significa reconhecer crenças e identidades culturais de seus habitantes” (p. 216).

Neste aspecto, a paisagem física da Amazônia, a floresta do verde perene com milhares de espécies vegetais e a abundância das águas são incorporadas na paisagem religiosa. Essa incorporação é manifestada através da representação cultural trazida aos rituais sagrados e profanos dos festejos nazarenos em agradecimentos às graças alcançadas em forma de objetos que representam a vivência do lugar como as miniaturas de barcos de madeira ou de miriti, o roteiro devocional fluvial conhecido como a “romaria das águas” ou as homenagens simbólicas com objetos sagrados confeccionados com argila, madeira ou miriti.

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará é considerada a maior manifestação religiosa católica do Brasil e o maior evento religioso do mundo. Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômico (DIEESE), a cada ano a festividade reúne aproximadamente mais de seis milhões de pessoas em vários cultos e em onze roteiros devocionais entre procissões e romarias. Tanto para o povo paraense quanto para os visitantes, turistas, pesquisadores, religiosos e o Poder Político, as festividades e celebrações nazarenas continuarão representando o regionalismo, se por conta das características religiosas estimuladas pelas tradições da Igreja Católica como por conta dos aspectos profanos criados e potencializados pelos devotos.

Há a necessidade de ressaltar aspectos observados que diferenciam este evento religioso dos demais que ocorrem no Brasil, considerando:

- a) A Missa do Mandato, no mês de agosto, dá início à programação do evento, começando o ciclo de peregrinações da virgem de Nazaré pelos lares católicos, empresas, Instituições Públicas e Privadas, condomínios e escritórios, ao todo são mais de cinco mil réplicas da imagem produzidas para serem distribuídas nestes ambientes na Cidade de Belém.
- b) O evento religioso culmina a partir da segunda sexta-feira do mês de outubro, iniciando com o traslado da Virgem para os Municípios de Ananindeua e Marituba, a partir daí tem a duração de quinze, durante a

chamada "quadra nazarena" e, assim, sucessivamente ocorre há quase três séculos;

- c) Os círios de pequenas proporções realizados em alguns municípios fora da área metropolitana de Belém, especificamente na mesorregião do nordeste paraense. Observa-se que na mesorregião do sul paraense não há este tipo de manifestação religiosa, que pode ser consequência da intensa migração sulista, mineira e vilaboense;
- d) Os Círios fora do Estado do Pará como uma continuidade da soberania de Nossa Senhora de Nazaré sobre o espaço amazônico e fora dele e pela intensa emigração dos últimos anos, desde então os devotos paraenses reproduzem o Círio nos lugares onde estão residindo e, geralmente, no segundo domingo de outubro como o Círio de Macapá/AP, O Círio de Brasília/DF; Círio de Saquarema/RJ; O Círio de Manaus/AM; o Círio de Recife/PE.

Neste sentido, a reprodução do Círio para outros municípios paraenses e para outros Estados configura a continuidade dos aspectos intrínsecos que regem o religioso e o cultural, não caracterizando a fragmentação do evento maior realizado na Metrópole, uma vez que os símbolos religiosos e culturais deste permanecem em qualquer outro lugar. O que há de certa forma é a irradiação das práticas religiosas reproduzidas no entorno do Círio configurando a tríade: Missa matinal-procissão-missa final. O reconhecimento no processo de reprodução do Círio para além do Estado do Pará, da Amazônia Brasileira e do Brasil está no âmbito da própria Igreja Católica Apostólica Romana, quando institucionaliza os meios de comunicação próprios para favorecer a transmissão em tempo real da procissão do Círio para todo o planeta, assim como utiliza suas estruturas e estratégias para manter poder e territorialidades que segundo Rosendahl, no artigo *Território e Territorialidade: uma Perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião* (2005), afirma

[a] territorialidade religiosa, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por Instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território, onde o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo. (2005, p.7)

Assim sendo, a reprodução da procissão do Círio para além do espaço da cidade de Belém e para além do tempo no calendário festivo tornam-se conjunturas oficiais no sentido das estratégias da Igreja como instituição religiosa, avançando para outros territórios e difundindo a sacralização dos festejos nazarenos. Já para Raffestin, em *Por uma Geografia do Poder* (1993), “a territorialidade reflete a multidimensionalidade do vivido pelos membros de uma coletividade, pela sociedade em geral. Pode ser definida como um conjunto de relações sociedade-espaço-tempo”. Ou seja, a afirmação do autor está no contexto da análise da territorialidade que só se torna possível pela apreensão das relações reais colocadas no âmbito sócio histórico e espaço temporal. Maués, em *Padres, Pajés, Santos e Festas* (1995), a respeito disto, afirma que

Nossa Senhora de Nazaré, como qualquer Santa Padroeira, é um símbolo da própria sociedade regional ou local, portanto, do ponto de vista cultural, serve de mapas (guia ou roteiro de navegação) ao mesmo tempo em que de projeto (no sentido daquilo que se antecipa, também como guia, mas agora não mais de navegação, mas de construção) de identidade popular regional (1995, p.54).

Conforme o citado autor, a saída de paraenses de seus lugares justifica ter a Padroeira como guia, como mapa de suas vidas, para não se sentirem desamparados e desorientados, e como forma de nunca perderem o vínculo com as suas origens e tradições. Neste sentido, é bom evidenciar que a prática de cada paraense ter a imagem da Santa em casa dentro de um oratório, sobre um altar, ou simplesmente um quadro pendurado na parede é comum, é como um pedido de proteção e guarda da família e da moradia.

1.1. O Conceito de Lugar

A valorização de “Lugar”, considerando as relações subjetivas entre o homem, o espaço e o ambiente, sendo uma proposta da geografia humanista, destaca principalmente as relações que se estabelecem nesta tríade em relação ao cotidiano como forma da experiência humana e como os valores e atitudes que as pessoas comuns elaboram a respeito do lugar em que vivem. No espaço amazônico, em muitos lugares estas relações são alheias ao poder político e tomam força popular, criando formas muitas vezes autoritárias e gerando conflitos. Nesta abordagem, as condições específicas regionais contribuem para o isolamento de muitos lugares onde as práticas acima mencionadas perpetuam por longo tempo.

Um lugar amazônico é muito peculiar. Inicialmente este surgia às margens de rios, de uma baía ou do mar, a partir dos anos cinquenta com a construção da malha rodoviária e ferroviária, outros lugares surgiram às margens destas, sendo assim, conceituar um lugar amazônico seria trazer para o contexto histórico-cultural a existência deste, associado à conjuntura da Amazônia Tradicional e Contemporânea, no sentido de perceber as bruscas mudanças que se acentuaram nestes lugares através do trajeto histórico e que permitiram que os amazônidas expusessem culturalmente o “modo de vida” impregnado pelo regionalismo fortemente de raízes indígenas e acrescentado a ele ,em menor escala, alguns aspectos das culturas europeia e africana.

Neste contexto, conceituar Lugar na realidade da Amazônia é complexo, porque as formas que esses lugares assumem representam processos diferenciados. É o caso, por exemplo, do sul paraense, onde a área foi totalmente ocupada pela migração centro-sul através da política dos governos militares, e hoje as cidades ali construídas apresentam-se bastante diferenciadas das demais mesorregiões, os costumes, hábitos e cultura de seus habitantes são totalmente alheios do contexto amazônico.

Assim, culturalmente, o Estado do Pará está bastante dividido e toda a riqueza cultural cabocla que vai constituir os festejos nazarenos vem das mesorregiões da Grande Belém, do Marajó, do Oeste e Nordeste paraense.

Sobre este Lugar amazônico e ambiente cultural, diz Paes Loureiro em *Cultura Amazônica* (2001),

Nada está totalmente organizado em compêndios na cultura amazônica. É preciso errar pelos rios, tatear no escuro das noites da floresta, procurar os vestígios e os sinais perdidos pela várzea, vagar pelas ruas das cidades ribeirinhas, enfim, procurar; na vertigem de um momento que se evapora em banalidades, a rara experiência do numinoso (1995, p.5).

Assim, a cultura do nascimento de um lugar amazônico vai acontecendo, seja à margem de um rio, dentro da floresta ou mais recentemente à margem de uma estrada, mas neste lugar algo acontece igual aos demais, a cultura do imaginário simbolizada pelas lendas, crenças, ritos e mitos carregadas de riquezas extraordinárias e que através da religião, da arte, literatura, dança, música e teatro popular apresentam-se na forma das festas dos santos padroeiros.

O lugar que nasce apresenta-se como um espaço mesclado em relação às práticas do cotidiano. As atividades econômicas básicas se misturam às de caráter mais sofisticado nascidas com a tecnologia. Assim, é fácil observar uma venda de peixes ao lado de uma *lan house*, por exemplo. Neste âmbito, Carlos, no livro *O Lugar no/do mundo* (2007) faz a seguinte consideração

O lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. O lugar permitiria entender a produção do espaço atual uma vez que se aponta perspectiva de se pensar seu processo de mundialização (2007, p.14).

Sendo assim, ainda conforme Carlos (2007), o lugar amazônico se estabelece neste contexto nunca perdendo o perfil regional, insere-se no mercado global oferecendo múltiplos recursos naturais que irão produzir milhares de matérias-primas e ao mesmo tempo mantém tradições, costumes e crenças muito peculiares.

Em *Natureza do Espaço* (2006), Santos faz referência à “força do lugar” e o qualifica como um espaço produzido por duas lógicas, a saber, a das

vivências cotidianas das pessoas e a dos processos econômicos, políticos e sociais que constituem a globalização.

O pensamento de Santos (2006) remete à realidade do lugar amazônico e reflete o modo de vida constituído através do viver e do produzir, às vezes de forma simplista, mais que comporta no cotidiano, práticas sociais relevantes.

Sobre esse momento festivo, Carlos (2007) refere-se a esses aspectos como tendo um significado estreito de convivência quando argumenta sobre o lugar que se completa pela fala, a troca alusiva a algumas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores.

A cumplicidade dos locutores consubstancia-se nos costumes, na cultura, na manifestação popular e nas expressões nativas e mestiças do povo paraense.

Neste contexto, o espaço urbano da grande metrópole parece diminuir pela aproximação e confraternização entre os cidadãos paraenses, visitantes e turistas.

A cumplicidade no período nazareno, todavia, é presente em todas as espacialidades, na festa das famílias, nas instituições públicas e privadas, escritórios, empresas e comunidades que se preparam com os símbolos nazarenos. As pessoas se tornam mais solícitas, cumprimentam-se com a expressão “Feliz Círio”, trocam símbolos nazarenos e ainda prevalecem os convites entre amigos e parentes para o almoço do Círio.

Neste sentido, o lugar amazônico pode ser definido pela cumplicidade com o modo de vida, com a natureza, e com a crença nas lendas e nos santos padroeiros e protetores, este aspecto mantém a permanência e o vínculo com a vivência dos povos amazônicos e não amazônicos.

1.2. A escolha do lugar

Evidentemente que Belém do Pará, como o lugar onde se originou todo o povo paraense, conserva a síntese da cultura local. Esta cidade, desde o período colonial, serviu de base para as mudanças históricas que ocorreram na Amazônia Brasileira, primeiramente recebendo pessoas de várias origens

vindas da Europa, depois recebendo africanos, mais adiante recebendo nordestinos, principalmente cearenses, como migrantes pioneiros para a coleta do látex. Ostentou o estilo europeu na *Belle Époque*, enfrentou a revolta popular da Cabanagem e a cada passo de afirmação como cidade-metrópole projeta-se para o mundo, carregando no seu tecido urbano uma intrínseca relação cultural entre o passado e o presente.

Assim, Belém já possuía uma infraestrutura como “sede de poder” e essa condição a privilegiou como Cidade, a partir daí, esse modelo de um lugar amazônico ser transformado em cidade no sentido político tornou-se comum na realidade amazônica.

Contudo, Belém é a cidade que por consequência dos referenciais acima mencionados tornou-se um espaço sacralizado, embora temporariamente, que conforme Eliade, em *Tratado de História das Religiões* (1992),

[É] necessário sacralizar o espaço para que ele seja habitado. E por isso, procura-se um eixo, um centro de orientação, que pode ser um templo, o local ou o altar de sacrifício de um animal, uma cruz, poste ou mastro, escada, árvore ou montanha. Qualquer um desses elementos marca o limiar entre o sagrado e o profano e torna-se o eixo de ligação entre o céu, a terra e o mundo inferior, entre os deuses, o território habitado pelos homens e o mundo de baixo (1992, p.1).

Ora, Belém desde os tempos coloniais também serviu de base para o monopólio da Igreja Católica. Este aspecto compunha a sintonia da igreja brasileira com as diretrizes da Sé, localizada em Roma, ou seja, Belém fez parte da política de romanização, e esta situação perdurou até a separação da Igreja e Estado no Brasil Republicano, marcando o fim do regime do padroado, o que não significou o fim dos conflitos entre os dois poderes no Pará, que se estenderam ao longo do século XX. Contudo, os conflitos foram vencidos, ora pelo poder do Estado, ora pela Igreja, ora pelos devotos, estes como os maiores vitoriosos que, por meio das celebrações e homenagens à imagem de Nazaré, perpetuam a fé e a crença no eixo de ligação entre a terra (lugar) e Nossa Senhora de Nazaré (o divino).

Segundo Brandão em *O Divino, o Santo e a Senhora* (1978),

não há sistema cultural tão polissemicamente rico e diferenciado de símbolos e significados como os criados pela igreja católica. Entretanto, apesar de suas especificidades, cada grupo social pode apropriá-los de diferentes formas, de acordo com seu capital cultural (1978, p.8).

Neste sentido, os festejos nazarenos tomaram forma regional pela participação do povo evoluindo e alcançando a contemporaneidade, porém, mantendo a cultura local no âmbito das festividades nazarenas e do Círio, representando o lugar amazônico com suas particularidades, conciliando o ambiente físico com as práticas religiosas no que se refere, por exemplo, em relação às procissões e romarias que só podem acontecer pela manhã, exceto a Transladação, em decorrência da ocorrência da “chuva da tarde”, ou ainda a realização da Romaria Fluvial, no sentido de reatualizar a relação do “mito do achado” com as águas amazônicas. Loboda, em *Práticas Socioespaciais e espaços públicos em Guarapuava – PR* (2008), afirma

as diferentes práticas socioespaciais enquanto resultantes de um movimento em que o sagrado e profano se relacionam num processo em que ora opõem-se, ora interpenetram-se, que se revelam, nos interstícios do cotidiano da cidade, as possibilidades de constituição dos diferentes lugares e seus sujeitos sociais. Dão-se, então, condições favoráveis a diferentes formas de organização dos sujeitos, enquanto construtores de suas próprias histórias, produtores da cidade enquanto reprodução da vida, das relações sociais por meio da identificação entre habitante e lugar (2008, p.9).

As afirmações do autor revelam a forma muito particular como os grupos sociais se organizam espacialmente considerando as condições peculiares do lugar e resguardando o modo de vida dos habitantes e as formas de construções humanas. Estas afirmações condizem com os aspectos socioespaciais que traduzem a realidade de Belém do Pará voltada para o contexto da religiosidade e da vivência do homem amazônico.

Silveira (2004), citado por Costa *et alii* (2008) na *Revista Amazônia* (p.122), reporta-se da seguinte forma sobre este assunto

o turismo religioso estaria gerando um movimento complexo de hibridização do sagrado (fé, devoção, sofrimento) e do profano (consumo, lazer, festa) em um mesmo fluxo de intenções: onde o hedonismo de certos subconjuntos de visitantes incluem razões de fé, ao passo que a devoção que caracteriza outros, convivem com uma face consumidora de seus participantes fora do tempo-espaço sagrado”.

É o que acontece com a Cidade de Belém, onde as práticas socioespaciais e socioeconômicas, através de cada cidadão por ocasião das festividades, são responsáveis pela construção e reconstrução de um processo de conciliação entre práticas religiosas e não religiosas, mas que no conjunto, representam a identidade regional.

Belém foi o lugar que acolheu a imagem do achado, mas também a referida imagem escolheu este lugar para ficar. Este aspecto é relevante, a escolha neste sentido, me parece recíproca, o importante é refletir sobre esta dimensão, uma vez que, a região tem na sua hidrografia muito particular, milhares de igarapés e furos, e porquê justamente, a Santinha foi parar naquele pequeno igarapé, que à época do achado era considerado na linguagem cabocla “interior”? Tudo aconteceu por acaso ou por destinação divina?

Na realidade esta Cidade já havia sido escolhida para sediar a propagação, a irradiação deste fenômeno monumental que hoje presenciamos as festividades nazarenas e o Círio, antes mesmo do Poder Público e da Igreja Católica ter se apropriado do achado da imagem. Todavia, é importante destacar que o achado da imagem não promoveu a condição social do caboclo Plácido, pescador que encontrou a imagem, que continuou com a sua vida simples e pacata, mas que o “achado” promoveu a cidade que a cada ano parece ficar pequena para acomodar o número de pessoas que chegam para os festejos.

Este aspecto contribuiu para a cidade se erguer e se manter no topo da hierarquia urbana amazônica, até porque a Igreja Católica, comandando a expansão do catolicismo romano, precisava estabelecer uma base urbana na Amazônia Brasileira. Assim, investiu na área mais nobre da cidade, construindo inúmeras edificações religiosas (Igrejas, Escolas, Seminários, praças santuários, o complexo nazareno etc), e até os dias de hoje os investimentos são maciços, incluindo imóveis, jornal, museus, canal de rádio e televisão e a

construção da “Casa de Plácido” para abrigar os peregrinos). Neste sentido, estes espaços fabricados e as mudanças estruturais urbanas posteriores contemplam o pensamento de Santos, em *As cidades nos países subdesenvolvidos* (1995):

[...] antes de tudo, definida por suas funções e por um gênero de vida, ou, mais simplesmente, por uma certa paisagem, que reflete ao mesmo tempo essas funções, esses gênero de vida e os seus elementos: passado histórico ou forma de civilização, concepção e mentalidade dos habitantes (1995, p. 2).

Conforme Santos (1995), a paisagem é a grande cidade se transformando sob a lógica do capitalismo através do poder da Igreja católica, do Poder Público, do mercado local, nacional e internacional, ao mesmo tempo conciliando inúmeras funções, o passado histórico e a contemporaneidade e as concepções e mentalidades dos habitantes que evoluem com a modernidade. Segundo o dossiê *Iphan* (2004) as relações entre os negócios da fé e os negócios do comércio são bem antigas, já no século XIX, com a proximidade do Círio aumentava a procura por fogos, velas, tecidos tintas e outros adereços. As oficinas de batineiros (homens que faziam as batinas dos religiosos) e alfaiates atendiam o clero e o povo.

Atualmente, a escolha do lugar é feita por milhões de pessoas que procuram a cidade na quadra nazarena. A culminância do evento começa na semana que antecede a grande procissão. As pessoas chegam de barcos, ônibus, automóveis e de aviões. As companhias aéreas disponibilizam voos extras para atender tamanha demanda e a mesma situação é verificada junto às empresas de transporte rodoviário, fluvial e rodo-fluvial,—e a procura por produtos do Círio apresenta uma variedade desde os preparativos da culinária peculiar e tradicional da época como pato, jambu e tucupi como os mais contemporâneos (peru e bebidas) passando para outros gêneros já citados anteriormente.

O capítulo 2 aborda a questão da natureza da festa, definindo o conceito de festa e o histórico dela.

CAPÍTULO 2

A Festa de Nossa Senhora de Nazaré

O que diferencia Belém do Pará de outras cidades no que se refere às manifestações religiosas é a singularidade do evento do Círio. Por ser uma Cidade Metrópole, durante as festividades de Nossa Senhora de Nazaré, torna-se totalmente envolvida na sua extensão urbana num clima singular de festejos – não é apenas uma rua, ou só o Largo de Nazaré ou o Bairro de Nazaré: toda a cidade e além dos limites desta vê-se tomada pelas homenagens, seja pela mídia, seja pela iniciativa de cada cidadão católico e não católico.

Na temporada nazarena toda a dimensão espacial da Metrópole é transformada em lugar único, onde os aspectos hierofânicos são concebidos e reconhecidos, e constituem-se em práticas sagradas e profanas, que se complementam e contribuem harmonicamente para o imaginário e para o identitário do amazônida, que segundo Eliade em *Tratado de Histórias das Religiões* (1992):

o sagrado e o profano se percebem em um confronto com o outro, e se classifica o fenômeno religioso como sagrado e profano. O primeiro se refere ao transcendente, aquele que é muito elevado; o profano, a tudo que é corriqueiro, normal, algo do dia-a-dia (1992, p.21).

Ou seja, neste embate harmonioso entre o sagrado e o profano, no cenário do cotidiano popular tudo é normal, junta-se à fé e à crença os aspectos mais simples do dia-a-dia como o sair da Missa na Basílica e ir ao Teatro da Paz assistir a Peça Teatral “O verde Ver-o-Peso”, ou ir no Bairro da Cidade Velha assistir “O Auto do Círio”. Neste sentido, tanto o habitante quanto o visitante entendem estes aspectos multifacetados de cultural-religioso como símbolos das festividades, principalmente porque são exibidos somente no período da quadra nazarena e porque têm esse caráter dualista.

Conforme Canclini em *As Culturas Populares do Capitalismo* (1983),

a festa não pode ser vista como lugar de subversão da ordem. Também não é uma expressão igualitária entre os participantes, ou se, eventualmente consegue sê-la, ela é somente de maneira fragmentada, pois não é apenas um momento de unificação coletiva porque nelas as diferenças sociais e econômicas se repetem (1983, p.54).

A grande festa nazarena resulta do conjunto das manifestações sagradas e profanas e, embora em caráter efêmero, com a duração de apenas quinze dias, os festejos nazarenos na cidade de Belém do Pará representam a celebração da vida, o rompimento com o ritmo comum e repetitivo do cotidiano e estabelecem outra forma de vivência e de aproximação com o evento religioso tornando as pessoas imbuídas em gestos e ações fraternas, de acolhimento aos parentes e amigos que chegam e aos peregrinos flagelados dos municípios próximos doando alimentos, água e medicamentos. Permite ainda a convivência pacífica entre o sagrado e o profano como frutos de uma relação e não como elementos opostos e é assim que se confirma através de exposições de peças teatrais como o “Auto do Círio” e a apresentação da “Festa das Filhas da Chiquita”, o “Arrastão do Pavulagem”, e a “Corrida do Círio,” e acrescentam-se as romarias que traduzem toda a expressão da vontade popular embaladas por bandas e trio elétricos.

A festa nazarena emerge pela vontade popular carregada de regionalismo e ao mesmo tempo sacraliza os laços entre o povo paraense e a sua padroeira numa extensão divina e permanente e que conforme Maciel em *Um Místico entre os Modernos* (2010): “as festas revelam a essência do respeito à fé e a fraternidade comunal que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural” (p. 55)

Esses aspectos abordados por Maciel representam o elo entre o sagrado e o profano os quais finalmente irão constituir elementos marcantes da cultura local “visto que, as festas religiosas como fenômeno cultural são como um campo fértil para revelar crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva” (IDEM, 2010, p. 55).

Este posicionamento retrata o tempo do fenômeno religioso nazareno constituído nestes aspectos o qual atualiza e reatualiza o mito da descoberta do achado da Santa.

Segundo Galvão em *Santos e Visagens* (1976),

dentro da realidade amazônica vamos ter uma religiosidade permeada por vários aspectos. Somados aos que já foram comentados temos o fator indígena e as crenças do caboclo. Estes aspectos, por, por si só, já são capazes de dar novas características às crenças e ao modo como o homem se relaciona com o sagrado. Nas comunidades amazônicas temos desde os mistérios das encantarias, da pajelança, dos rituais até os momentos efervescentes das festas religiosas e o imaginário das entidades míticas do mundo da natureza. Essa maneira de se relacionar com o sagrado e com o universo das crenças não representa apenas o produto da amalgamação de duas tradições, a ibérica e a indígena, estas duas fontes são formadoras da religião na Amazônia, ressaltando que o componente ambiente físico é o grande responsável por este fenômeno (1976, p.7).

Assim, por estes aspectos, é que as festividades dos santos padroeiros se tornam fenômenos constituídos no âmbito da fusão cultural, do ambiente físico envolvendo as águas, a floresta e o imaginário coletivo.

Dentro das festividades nazarenas, o espaço-tempo é determinante para que estes aspectos possam ter destaques. É o caso das procissões e romarias, conjugadas com outros eventos como o arraial, a arte cênica, os festivais e as danças típicas.

As festas religiosas são estudadas e definidas de diversas maneiras, conforme as realidades onde acontecem, porém, apontam sempre para questões de caráter religioso, político, organizacional e cultural.

A festa de Nazaré pode ser pensada dentro dos caracteres abordados, já que inicialmente e historicamente, dois aspectos juntaram-se, o religioso e o político, para então dar início ao fenômeno que presenciamos hoje. Ainda fazendo menção ao local em que a festividade se desenvolve, Eliade, em *Sagrado e Profano* (2010), salienta que

a região é desligada de um contexto cósmico e sofre uma transformação qualitativa, porque durante o período de sua realização dá-se uma ruptura da experiência do lado profano, quando se atravessa uma linha imaginária que permite aprender e experimentar o sagrado no mundo dos homens (p.8).

O pensamento de Eliade (2010) revela o lado profano contribuindo com as festividades no contexto da cultura e da identidade regional, mas há os momentos da parada, da reflexão sobre a razão fundamental dos festejos que é a Santa Padroeira, a que concede as graças e a que faz realizar os milagres, então, é necessário reverenciar, venerar, seja nos momentos dos cultos, das procissões e mais especificamente da “descida do Glória”, considerado o momento mais sagrado da temporada nazarena.

Ainda conforme os estudos de Petruski (2008),

[O] mundo do sagrado é o mundo do desconhecido e, estar subtraído do alcance humano é o que torna ainda mais enigmático. É um mundo no qual não se conhece o tempo, que não tem começo e nem fim, sendo que a obscuridade e as incertezas que o circundam são os que fazem mais atraente (p.6).

Considerando o pensamento da autora, o evento nazareno é um acontecimento que representa essa linha de pensamento, que a imagem verdadeira representa este enigma, algo que não tem respostas exatas. De onde veio? Quem a esculpiu em madeira? Como se deslocou várias vezes, transitando entre a ermida e o igarapé? A única certeza é a de que, nesta região tão diferenciada do resto do mundo, esta Santa tornou-se o referencial, o eixo sagrado através dos séculos.

No contexto histórico da Festa Nazarena é importante ressaltar a Basílica como o Santuário Sagrado da Virgem, esta edificação está localizada no Bairro de Nazaré e foi construída no início do século XX, pelos padres barnabitas com a ajuda do povo paraense. Traz características marcantes em detalhes na sua arquitetura e foi inspirada na Basílica de São Pedro em Roma. Conforme o site do Portal do Círio¹, a Basílica tem vinte metros de altura, vinte e quatro de largura e sessenta e dois metros de comprimento. Seu interior é todo de mármore, tem o forro de madeira confeccionado por artistas paraenses e destaca-se a beleza dos vitrais, que se referem a momentos bíblicos e a história da devoção à Virgem. No centro de convergência de todas as linhas

¹ Ver: <<http://www.ciriodenazare.com.br/>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2013.

arquitetônicas está o “Glória”, onde fica a imagem autêntica. Quatorze anos após sua construção recebeu o título de Basílica, e, em 1992, foi elevada à condição de Santuário, hoje comumente reconhecida como Basílica Santuário (figura 2). Tem no acervo histórico o conjunto de sinos mais antigos do Brasil que datam de 1966, foram os primeiros eletrificados do país e são capazes de executar concertos, como os cantos sacros: *Ave Maria de Lourdes*, *Ave Maria de Fátima*, *Madona Marne*, *Cristo Vence*, *Eia Povo devoto*, *Fiéis Acorramos*, *Noite Feliz*, *Fazei de Hosana* e *Vinde Cristãos*.

Figura 2: Basílica de Nazaré e o Centro Arquitetônico Nazareno



Fonte: Pontes, 2009

Como “irmã” da Basílica Santuário, está neste contexto histórico-religioso, a Catedral da Sé ou Catedral Metropolitana de Belém (figuras 3 e 4) como parte importante da tradicional celebração do Círio de Nazaré.

Com o desmembramento da Diocese do Maranhão em 1719 a pedido de D. João V, Belém passou a sediar a então recém-criada Diocese do Pará, ganhando direito a honras de Sé Episcopal e sua Igreja Matriz. A partir da segunda metade do século XVIII, Belém contou com a participação artística e arquitetônica de vários personagens italianos incluindo Landi, arquiteto responsável pelo projeto urbanístico da cidade de Belém inicialmente na administração do governador Mendonça Furtado. Projetos tais como: a Catedral da Sé, a Igreja de Santo Alexandre, O Forte do Presépio e a Casa das

Onze Janelas compõem o Complexo Feliz Lusitânia, considerado o referencial turístico mais visitado por pessoas de outros Estados e outros Países na cidade de Belém.

Figura 3: Catedral da Sé



Fonte: Figueiredo, 2010

Figura 4: Interior da Catedral da Sé



Fonte: Figueiredo, 2011

Alguns símbolos trazem ao contexto da festa nazarena, significados muito peculiares e marcantes e aí se encaixa o Arraial de Nazaré que,

conforme as informações históricas, inicialmente ainda no século XVIII, os pais levavam as filhas para arranjar noivado ou casamento. O arraial é, na atualidade, um espaço de convivência para os encontros de amigos, namorados, familiares e da criançada. Até 1981, o espaço em frente à Basílica dava lugar ao Largo de Nazaré e lá ficava instalado o arraial que se apresentava como um ambiente profano onde se realizavam teatros populares, jogos de azar, coretos com bandas musicais, bancas de quinquilharias, restaurantes e bares que serviam além das guloseimas, bebidas alcoólicas.

Em 1982, a Prefeitura Local e a Diretoria da Festa conseguiram mudar este cenário e lá foi construída uma área moderna com uma praça cercada, ajardinada, com piso de granito, dois monumentos, um oratório no centro e uma concha acústica para espetáculos e que recebeu a denominação de Centro Arquitetônico Nazareno (CAN) ou Praça Santuário. Estas adequações correspondem às exigências da própria Igreja para que as famílias e romeiros voltem a visitar um espaço mais saudável.

Com essas profundas mudanças que alteraram a estrutura espacial e até mesmo a cultura popular até então instalada, o espaço para o arraial passou para a lateral direita da Basílica, espaço este demarcado pelos arcos de entrada e saída da Praça Justo Chermont, e hoje é um grande centro de diversão no período da festa com carrossel, brinquedos mecânicos e roda gigante que atraem nos quinze dias de festa cerca de 200 mil pessoas.

Outro símbolo que merece destaque são os brinquedos de miriti, artesanato tipicamente paraense produzido a partir da palmeira – buriti (*Mauritia Flexuosa*) na mesorregião do Nordeste Paraense, mais especificamente no Município de Abaetetuba, distante a uma hora e meia de carro ou balsa, ou duas horas de barco de Belém. Este último tipo de transporte é mais utilizado devido às características peculiares da floresta e dos igarapés.

A confecção dos objetos de miriti representa essencialmente a vivência do caboclo, através da produção de barcos, pássaros, onças, peixes, cobras, casas, bonecos, ou seja, tudo que tenha significado do dia-a-dia do caboclo amazônico. Todo o trabalho é manual, com a utilização apenas de facas e envolve uma família. A extração do miriti exige habilidade, por se tratar de uma matéria-prima bastante leve e delicada e a partir daí, as manifestações

artísticas refletem a criatividade de cada produtor. Os brinquedos são feitos uma única vez por ano, no período de agosto e setembro, e ao contrário de outros artesanatos regionais, os brinquedos de miriti são exclusivos e inéditos, produzidos em Abaetetuba, comercializados em Belém somente no período da quadra nazarena, e nunca foram exportados, porém, aqui fazem parte da festa das crianças porque são coloridos e leves.

Outro símbolo que integra a tradição é o “almoço do Círio”. É necessário acrescentar o que esse momento representa: a reunião de amigos e familiares diante de uma mesa farta de iguarias especificamente regionais (pato no tucupi e maniçoba) que compensa todo o sacrifício do trajeto do Círio. Logo na parte da manhã a alma foi alimentada pela Prece e Cânticos como vínculos divinos e agora é a necessidade do corpo no sentido do organismo humano que precisa ser atendido para afastar a fome e compensar a natureza humana. O almoço do Círio é mais do que isso, é também o momento de reencontros, de colocar os assuntos em dia, da lembrança dos que já faleceram, da lembrança dos que não puderam vir. Enfim, é o momento de informalidade, relaxamento, e, sobretudo, de confraternização. A Festa e os Símbolos são elementos indissociáveis e a arte serve como mediação em relação à criação de formas e objetos, daí a riqueza da criatividade em momentos que confundem o sagrado e o profano, como registram os elementos componentes da quadra nazarena a seguir:

- a) **O Arrastão do Pavulagem:** tem origem no Instituto Arraial do Pavulagem em seu desdobramento artístico-cultural e religioso. Apresenta o Arrastão do Círio ou Arrastão da Cobra Grande (figura 5). Um acontecimento típico que representa a textura sociocultural e religiosa e faz um percurso na véspera da Procissão do Círio, exibindo uma cobra grande de trinta metros confeccionada com miriti, que representa no imaginário popular o “encantado do fundo” e dessa forma homenageia a Santa. A (figura 6) ilustra outro momento do lado profano das festividades.

Figura 5: Arrastão do Pavulagem



Fonte: Pontes, 2009

- b) Auto do Círio:** é um espetáculo de rua com ampla participação popular. É um desfile de alegorias, cores vivas, diversidade cultural e fé. Conforme o Portal ORM² (2011) ao reportar sobre este tom religioso e profano afirma: “o lúdico e profano traduzem o cortejo. Artistas profissionais e amadores unidos numa encenação a céu aberto juntando o popular com o erudito, a oração com a dança, a fé com a alegria”, e ainda continua: “o crente com o ateu e reiterar o conagraçamento e a possibilidade de convivência respeitosa e pacífica dos atores sociais”. É um programa vinculado ao Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará e reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como bem imaterial associado ao Círio de Nazaré. Acontece desde 1993 na noite de sexta-feira que antecede a Procissão do Círio. O cortejo percorre as ruas do bairro da Cidade Velha e envolve quinhentos artistas fantasiados (de monstros, palhaços, anjos, diabos, bruxas, magos, ciganos, e ladrões) desenvolvendo performances teatrais. Durante o percurso são realizadas paradas em

² Ver

<<http://noticias.orm.com.br/noticia.asp?id=557199&|o+religioso+e+o+profano+no+auto+do+c%C3%ADrio#.URbpLB117t8/>>. Acesso em 07 de outubro de 2011.

estações previamente determinadas, localizadas em frente a monumentos históricos. Ao longo dos anos foram incorporados elementos da escola de samba (bateria, samba-enredo, carros alegóricos, mestre-sala e porta-bandeira) caracterizando a carnavalização do cortejo. Este espetáculo manifesta a relação entre o sagrado e o profano presente durante todo o seu desenvolvimento, ou seja, começa como uma grande procissão que, posteriormente, transforma-se numa festa de carnaval. Este programa tornou-se objeto de diversas pesquisas acadêmicas e um espaço de interação entre o público paraense, os turistas que visitam a cidade na quadra nazarena e a produção artística local. A (figura 7) ilustra o outro momento, considerado o mais profano das festividades.

Figura 6: Auto do Círio



Fonte: Figueiredo (2011)

- c) **A Festa das Filhas da Chiquita:** tem origem através de um grupo de homoafetivos e simpatizantes e é repudiada pela Diretoria da Festa e pelas autoridades eclesiásticas. A participação popular é garantida na quadra nazarena desde 1978, a festa inicia no sábado a noite que

antecede a Procissão do Círio, logo após a passagem da Procissão da Transladação e o lugar da realização é o Bar do Parque na Praça da República. Este evento apresenta um caráter de resistência, de contestação, de busca de espaço e reconhecimento social dos homoafetivos. O evento tem permissão de realização concedida pela Prefeitura Municipal de Belém até às quatro horas da manhã e conta com a participação de aproximadamente quarenta mil pessoas.

Figura 7: A Festa das Filhas da Chiquita



Fonte: Pontes (2009)

De Deus (2008), professora, atriz e idealizadora do “Auto do Círio,” aborda no Jornal da Universidade Federal do Pará sobre os dois eventos – A Festa das Filhas da Chiquita e o Auto do Círio – da seguinte forma

A festa com o passar do tempo, agrega valores diversos e se transforma em uma manifestação que converge tradições, de forma equivalente tanto para o religioso quanto para o cultural, daí as

diferentes maneiras de homenagear Nossa senhora, que é o objetivo comum de todo o momento (p.2).

E continua

Mesmo que seja a celebração de um santo, ou seja, culto com fundo essencialmente religioso, o momento se motiva em criar um ambiente festivo, que tira as pessoas de suas rotinas para vivenciar uma temporada de festas, sejam as oficiais, vinculadas à doutrina católica, sejam as criadas pela cultura popular que não são ilegítimas ou menos tradicionais. Transforma-se em tradição aquilo que é pertinente e, portanto, encontra correspondência e é assimilado, por confluir para o objetivo central, que é louvar a Santa. O que não possui pertinência, não vinga. (p.2)

Esta abordagem justifica a composição multicultural agregada às festividades religiosas nazarenas, tudo o que é produzido e inovado neste contexto é agregado paralelamente ao sagrado e permanece. É pertinente aos festejos e vinga ao longo do tempo. O verbo vingar no vocabulário amazônico tem um significado forte, o que não vinga perde o valor conceitual de existir. Se algo vinga, que pode ser uma gravidez, uma planta, um namoro, uma semente ou uma criação artística, passa a existir e permanece. Dessa forma, as três festas profanas estão no contexto da aprovação popular e todos os anos nas exposições contam com milhares de expectadores nas plateias a céu aberto para diversão e para a compreensão acerca do que pode extrapolar os limites do poder das autoridades eclesiais e da igreja católica. A performance de cada festa profana permite sintetizar a alegria dos brincantes e do público com um toque sutil de cunho religioso carnavalesco.

2.1. O Conceito de Festa

Festa tem nome feminino (*lat.festa dies*, dia de festa) e é um evento entendido como manifestação de alegria destinada a comemorar um acontecimento importante. Quando nos referimos à festa de Nossa Senhora de Nazaré, a maior festa religiosa amazônica, que segundo Alves em *Dossiê Amazônia Brasileira* (2005):

Todos os anos, a partir do segundo domingo de outubro, realiza-se a festa do Círio de Nazaré, já definida aqui como um “complexo ritual”, que reúne procissões e romarias e completa-se com o arraial e o almoço do Círio. Em torno desse eixo ritual prático é que propomos uma interpretação do Círio e da Festa de Nazaré que envolve as dimensões sacralizadas e devocionais com aquelas carnavalizadoras, informais e comunitárias. (p.02)

Desta forma, ainda conforme Alves cabe o conceito de uma solenidade religiosa mesclada culturalmente com a sociedade, mas também é um ato de uma reunião social para celebrar o convívio com parentes e amigos no momento do banquete com o sentido da festa do Círio. Estes ritos se atualizam a cada ano incorporando inovações em relação aos símbolos e simbologias, tornam-se significativos tanto na estrutura do ritual quanto nas transformações em sua performance. Neste sentido, conceituar “Festa” é buscar o referencial nas festividades nazarenas e dizer de um grande evento que envolve várias dimensões e várias esferas sociais e que ao longo do trajeto histórico, tornou-se uma espécie de “apropriação popular”.

Conforme Brandão, no livro *A Cultura na Rua* (1989),

Festa é o lugar simbólico onde cerimonialmente separam-se o que deve ser festejado, e aquilo que deve ser resgatado de coisa do símbolo, posto em evidência de tempos em tempo, comemorando, celebrando. Categoriza a festa em três dimensões: como uma fala, uma memória e uma mensagem; sendo que se encaminha para um lugar e um tempo simbólico, tentando fazer sobressair algo, através da comemoração. A festa se apossa da rotina e não a rompe, mas excede a sua lógica e leva as pessoas à transgressão (p.8).

Considerando as afirmações do autor, a festa nazarena se encaixa nestes parâmetros, mobilizando toda a região metropolitana de Belém, as transgressões em todos os sentidos tornam-se comuns para a época. A festa comanda a rotina, os dias e as noites na quadra nazarena parecem acontecer simultaneamente, a cidade não adormece, várias são as atrações de cunho religioso e cultural que atraem centenas de turistas e visitantes.

A festa como uma fala, evoca o sentido da fé, da cumplicidade religiosa, da unidade na prática religiosa. Como uma memória, traduz e atualiza o tempo histórico e como uma mensagem, transmite a continuidade e a permanência para a posteridade da relação do homem com o sagrado.

Na cidade de Belém, no tempo da festa, todos os espaços públicos são constantemente frequentados e até o trânsito muda totalmente a rotina dos trajetos devido ao percurso dos onze roteiros devocionais e praticamente todos os dias há procissões ou romarias.

As feiras e exposições são acontecimentos que também se incorporam ao evento com a participação de empresários de outros Estados brasileiros. Os eventos artísticos como shows musicais têm lugar em boates, bares, praças e na cidade folia. O esporte também se faz presente com expressivas premiações através da Corrida do Círio, da Corridinha do Círio e da Caminhada do Círio.

Conforme Petruski em *Julho Chegou... e a festa também* (2008):

As festas religiosas priorizam um momento da vida social e religioso que reatualiza um tempo remoto, ligando o presente ao passado. É como fazer a volta às origens para uma nova celebração e assim, é perceptível o vínculo que a festa mantém no sentido tempo-espaço (p. 9-10).

E continua

As festas religiosas seguem uma organização e hierarquia sob dois níveis: O primeiro refere-se às festas que estão sob o poder e calendário da Igreja ou clero, como exemplo, a Páscoa e o Natal, são festas religiosas universais; Há outras festas extensivas a um povo ou país sancionadas pelo Poder Civil, é o caso de 12 de Outubro, consagrado à Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil. O segundo nível diz respeito às festas que não precisam de consentimento da Igreja ou do Clero, são realizadas em caráter informal, em áreas públicas ou até nas casas dos fiéis, a exemplo das Festas de Reis. Tanto o primeiro quanto o segundo nível têm em comum a participação popular e um Lugar como espaço de realização (p.9-10).

Há outras festas que são específicas de um lugar ou de uma cidade, é o caso da Festa de Nazaré em Belém do Pará e da Santíssima Trindade em

Macapá/AP. Estas festas de caráter específico acontecem em maior número, muitos são os lugares e os Santos Padroeiros, escolhidos como protetores.

Estas últimas também contam com as celebrações religiosas de missas ou novenas, de pequenos cortejos, danças, levantamento de mastro do santo homenageado, que muitas vezes é guardado num oratório na casa de um dos habitantes do lugar. Essas especificidades de cada nível demonstram o quanto a fé e a devoção seguem uma orientação sagrada e um calendário de festas que pode estar intimamente determinada pela Igreja Católica ou não. No caso do segundo nível, o calendário da festa está diretamente determinado pelos moradores e participantes de um lugar.

Segundo Rosendahl *no Artigo, Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião* (2005) “o certo é que a posse do território é seguida de um ritual que simboliza o ato da criação. É ocupado e, dessa forma, consagrado, protegido e reconhecido pela comunidade” (p.4).

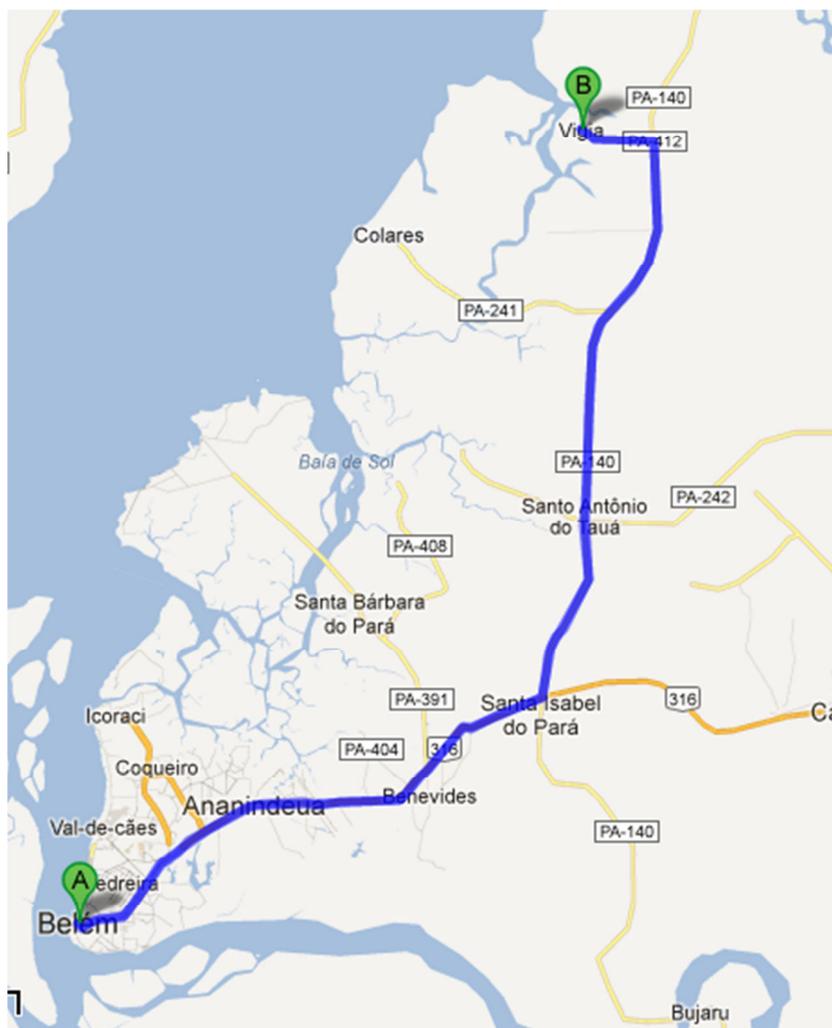
O território nazareno está decisivamente incluso no pensamento da autora, o que foi inicialmente determinado pela igreja católica passou por mudanças significativas através dos tempos até tornar-se o lugar das decisões coletivas entre as autoridades religiosas e o povo, comprovadas atualmente pelas iniciativas do conjunto responsável pelas inúmeras ações deliberadas acerca das festividades, algumas exigem mudanças, outras exigem inovações, como por exemplo, as decisões sobre o Manto, sobre as flores da berlinda, sobre alguns roteiros devocionais, sobre o papel do voluntariado.

2.2. Histórico da Festa

A devoção a Nossa Senhora de Nazaré iniciou na cidadezinha de Vigia (hoje denominada Vigia de Nazaré), às margens da Baía do Marajó (que contorna o Arquipélago do Marajó), daí sendo considerado o culto mais antigo à Virgem. No século XVII, o fidalgo lusitano D. Jorge Gomes D' Alemó teria trazido uma réplica de uma imagem portuguesa para Vigia, logo após 1616. Com o tempo, a imagem se deteriorou, sendo levada para restauração. Supõe-se que houve um ataque indígena às pessoas que a levaram e a réplica se

perdeu. Tempos depois, Plácido encontrou uma imagem, que muitos disseram ser a mesma, se foi a mesma teria navegado bastante por muitos quilômetros pelas águas amazônicas até aportar no igarapé do Murutucu, naquela época na periferia de Belém.

Mapa 3: Localização de Vigia de Nazaré/PA



Fonte: Google Maps (2013).

As devoções à Virgem iniciaram numa pequena e humilde ermida construída por Plácido e entre as fugas e as buscas da santa, mais devotos se juntavam para as orações, agradecimentos e pedidos de toda ordem. Esse acontecimento chamou a atenção da Igreja. Segundo Maués, em *Padres, Pajés, Santos e Festas* (1995), as autoridades religiosas, ao perceberem o

aumento do número de devotos na ermida, prestando homenagens e fazendo orações, tiveram a atenção voltada para a devoção à Virgem de Nazaré em Belém e também em Vigia, o que “marcaria o início do controle eclesiástico sobre essa devoção popular, que se acentuou em 1793 (p.13)”. O dossiê *Iphan* (2004) destaca alguns eventos que trazem entendimento histórico, como o que ocorreu em 1793. O então Presidente da Província do Pará, Francisco de Sousa Coutinho, ávido por fomentar o comércio regional paraense, resolveu organizar uma grande feira na qual os produtos agrícolas e extrativistas de toda a província seriam expostos e comercializados. Estrategicamente, Sousa Coutinho determinou que a feira deveria ocorrer no final do segundo semestre, na mesma época em que os devotos costumavam homenagear a Santa. Sobre este aspecto é relevante destacar que esse fato pode ter dado origem ao arraial de Nazaré e aos primeiros laços entre o comércio e as festividades visto que a feira que surgiu no século XVIII até hoje é um acontecimento nas festas dos santos nos interiores da Amazônia Brasileira, onde os produtos agrícolas e extrativistas são comercializados em leilões como o cacho de banana ou o litro de mel de abelhas.

No ano setenta do século XIX, o Bispo do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa nomeou uma comissão de confrades e religiosos (Irmandade de Nazaré) para gerir as festividades em honra a Nossa Senhora de Nazaré nos moldes do que acontecia com outras festas de santos nos períodos colonial e imperial. A Irmandade de Nazaré aos poucos foi perdendo sua importância, até que em 1910 toda essa organização passou a ser gerida por uma Diretoria da Festa fato que ocorre até a atualidade. Hoje ela é composta por trinta pessoas e consta, além destas, as corporações de voluntariado que a cada ano se tornam mais numerosas e necessárias.

Existem ainda as comissões especiais e arrecadoras, com a função de mobilizar toda a comissão central e as diretorias para um trabalho de levantamento de fundo financeiro em toda a cidade. Através das informações já obtidas por meio da pesquisa bibliográfica apresento a composição da diretoria da festa que se configura atualmente da seguinte forma:

- a) Diretoria Central (com funções administrativas): Presidente: sempre vigário da Paróquia de Nazaré; um Coordenador da Festa; dois secretários; dois tesoureiros; um diretor de patrimônio.
- b) Demais membros se distribuem em doze comissões através das Diretorias: Comissão do arraial, de procissões, de culto, de divulgação e relações públicas, da barraca da santa, da preparação da berlinda e carros, da instalação de serviços de som, de organização do programa da festa, de decoração da cidade, de decoração do arraial, de promoção artística, de organização de exposições.
- c) Corporação de Voluntariados: é o caso da “Guarda da Santa” e da Corporação das mulheres que preparam e distribuem alimentos para os peregrinos que chegam dos Municípios próximos e também fazem curativos nos ferimentos dos promesseiros. Esta comissão tem como característica a incorporação e participação de pessoas de todos os níveis sociais e com diferentes níveis de escolaridade.
- d) Nos últimos cinco anos, tem aumentado consideravelmente o número de pessoas que ajudam a Cruz Vermelha na distribuição de água mineral no entorno dos cortejos religiosos;
- e) Há mobilização do Poder Público que garante a presença da Secretaria Municipal de Saúde, da Secretaria Estadual de Saúde, do Corpo de Bombeiros, da Polícia Militar, da Polícia Federal e da Polícia Rodoviária Federal.

Alves, em *A Festiva Devoção do Círio* (1980), esclarece que

a Diretoria da Festa é constituída por industriais, comerciantes, militares, profissionais liberais, altos funcionários públicos e afins. A escolha da Diretoria é de competência do Arcebispo de Belém, que segue as sugestões da Paróquia de Nazaré. Os diretores e o coordenador fazem as indicações dos demais membros. Alguns nomes permanecem na Diretoria por anos seguidos, trazendo a

experiência executiva para a realização do evento. Há uma tendência em manter a grande maioria dos diretores, o que pode significar, de todo modo, um maior grau de coesão. A Diretoria compatibiliza ainda, no nível organizacional, dois campos de poder concorrentes na festa: o religioso e o político e faz também as mediações entre a ordem que a orientação eclesiástica, desta forma pretende imprimir à festa e a vontade de manifestação popular uma organização e sistematização como acontece durante a festa (p.14).

A realização deste evento todos os anos acontece para mudar, alterar o cotidiano, o espaço e o tempo da Metrópole. Neste sentido, não podemos perceber as festas como algo oposto à ordem estabelecida e sim, como algo que se integra a ela que, conforme Guarinello (2001), as festa se definem em cinco momentos:

- a) É necessária uma determinada estrutura social de produção, no sentido de que as festas não são dádivas de Deus, nem caem dos céus segundo nossos desejos;
- b) Envolve a participação concreta de um determinado coletivo, seja ele a sociedade em seu conjunto, ou grupos dentro dela com maior ou menor expressão da força legitimadora, distribuindo-se os participantes dentro de uma determinada estrutura de produção e de consumo da festa, na qual ocupam lugares distintos e específicos;
- c) Aparece como uma interrupção do tempo social, uma suspensão temporária das atividades diárias que pode ser cíclica, como nas festas de calendário, ou episódica, como da comemoração de eventos singulares;
- d) Articula-se em torno de um objeto focal, que pode ser um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou satisfação coletiva e que atua como motivação da festa;
- e) Por fim, uma festa é a produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos.

Os festejos nazarenos correspondem perfeitamente às definições de Guarinello (2008), no sentido de que existe uma estrutura social de produção do evento instituída a partir da Diretoria da Festa articulada com a sociedade civil e o Poder Público, há uma interrupção do tempo social porque há uma profunda alteração no ritmo da cidade e no cotidiano dos habitantes, como exemplo, muitos trabalhadores deixam de ir ao trabalho para irem ao aeroporto, porto ou rodoviária para receberem seus convidados, parentes e amigos. A motivação da festa é a celebração a Nossa Senhora de Nazaré, e há uma produção social material, como, por exemplo, o artesanato específico da época, que são expressões tanto comunicativas quanto significativas.

O histórico da Procissão do Círio e da Festa de Nazaré se confunde no tempo e no espaço, interage na história e na cultura popular. Neste sentido, passado e presente estão imbuídos na evolução dos acontecimentos que transformaram o espaço geográfico da cidade-metrópole e o processo da modernidade isenta algumas características anteriores das festividades, mas os elementos simbólicos se reatualizam permanentemente, incrementam novos valores e novos estilos e é isso que torna esse evento fascinante e grandioso a cada novo ano, que conforme Pantoja em *Negócios Sagrados* (2008):

O Círio só é um instrumento simbólico potente porque é capaz de despertar aquela dimensão mais íntima que as pessoas guardam da relação com o sobrenatural, com Deus. Dizer que essa dimensão religiosa está diminuindo por conta do mercado ou do profano é reduzir o Círio e as pessoas a simplesmente matéria, que não tem espírito, que não tem alma (p.2).

O historiador Arthur Vianna comenta a respeito do primeiro Círio de Belém, ocorrido a oito de setembro de 1793, em sua interpretação presente em *Annaes da Biblioteca e Archivo Público do Pará, sobre Festas Populares do Pará* (1904):

[...] é significativa tanto da estrutura do ritual como das transformações em sua performance. Trata-se de um desfile ao mesmo tempo militar, religioso e social. Essa ordem no desfile sinaliza a marca inicial da procissão. Há, ao longo de sua história, uma espécie de “apropriação popular” de uma festa que foi inicialmente oficializada para sacralizar o poder na Província, transformando-a no grande evento por meio do qual as diferentes

camadas sociais vivem, a partir de um símbolo comum, a virgem de Nazaré, uma experiência comunitária sem igual.

A imagem foi transportada na véspera daquele dia à noite da ermida para o Palácio do Governo. Pela escura estrada do Utinga, onde não chegara a mortíça iluminação de azeite da cidade, escoou-se a multidão que cercava o carro da santa até desembocar no Largo da Campina (atual praça da República).

No dia seguinte, à tarde, com todo o esplendor possível a uma estreia, desfilou do Palácio uma romaria; na frente e no couce marchava toda a tropa da cidade, os esquadrões de cavalaria em primeiro lugar, os batalhões de infantaria depois e logo atrás as baterias de artilharia; adiante do carro da santa seguiam uma fila de seges, palanques e serpentinas, com senhoras, e duas linhas de cavaleiros, trajando vestes de gala; a turba cercava o carro, e logo após este, destacava-se o governador e os membros das suas casas civil e militar, em primeiro uniforme e cavalgando bons cavalos. (p.237).

Fazendo uma análise das informações históricas resgatadas para o contexto desta dissertação, pode-se dizer que elas mostram que os festejos, desde o início da legitimação da Santa como a Padroeira dos Paraenses, são marcados por rituais sagrados e pela manifestação popular, inerentes aos cortejos religiosos das procissões e romarias.

2.3. A Cidade de Belém como Área de Convergência

Como já está estabelecido pela Igreja Católica, incorpora-se ao calendário do Tempo Litúrgico, o do Tempo Festivo e o do Tempo Mítico; essas três dimensões religiosas não tornam a cidade apenas um espaço de convergência que atrai milhões de pessoas para a festa, mas também atrai capital, trabalho e renda, conforme Guarinello “a festa é um ato coletivo que implica numa determinada estrutura social de produção. É preparada, custeada, planejada e montada” (p.3). Seguindo o pensamento do autor, Belém se prepara durante todo o ano e cria e recria a rede de sociabilidade que sustenta os custos para a permanência do sistema do Círio.

É preciso entender que o tempo festivo nazareno torna-se um movimento que gera muito dinheiro. Conforme Costa *et alii* na *Revista Amazônia* (2008), o produto e a experiência do Círio, o ato de vivenciá-lo perpetrado por cada crente seria o ato de consumo do produto derivado do

processo produtivo deste; cada vivência subjetiva, individual, seria uma unidade absorvida (de consumo). Neste caso, tem-se a impressão de que o caráter mercadológico se sobrepõe ao ato religioso ou eles estão atrelados em razão da venda volumosa de artefatos inerentes às festividades. A explicação reside no próprio sistema capitalista, o qual tudo absorve e a todos envolve. Todavia, Costa *et alii* (2008), afirmam que o conjunto determina um momento especial na economia de Belém, resultado da combinação de três fenômenos: 1) a flutuação populacional derivada das festividades e seu impacto sobre a demanda efetiva da cidade; 2) o aumento do consumo do habitante de Belém como um efeito do caráter de “Natal dos paraenses”; 3) gastos diretos resultantes da produção de inúmeros eventos socioculturais dentro do evento religioso.

Conforme Alves (1980),

O tempo festivo ou o tempo da festa é um tempo aberto e que se abre a todas as possibilidades de manifestação e onde as diferenças se neutralizam. Ao calendário de um tempo cronológico convencional organizam-se simultaneamente outros mais profundos de vida e das relações sociais em curso. É assim que o Círio de Nazaré é percebido como Natal dos Paraenses, pois ele é um ponto de partida e de chegada de um calendário de vida que vincula todos os eventos da mesma ordem e em menor escala. No ciclo de círios, o tempo da festa e o calendário se organizam e permite o intercurso permanente entre populações de diferentes localidades. Na Amazônia, há um sistema de festas (de santos, especialmente) que está profundamente enraizado na cultura e na vida social, pois é nos períodos das festas que a população paraense realiza as expectativas antes desejadas, da reciprocidade e das obrigações sociais (1980, p. 9).

O autor refere-se aos calendários das festas dos santos padroeiros na Amazônia Brasileira que regionalmente mobilizam grandes fluxos de pessoas e dentre estas festas está a do Círio de Nazaré que influencia o deslocamento de milhões de pessoas na própria região, de outros Estados e de outros países que convergem para Belém. O calendário da cidade torna-se completamente alterado, muitas atividades socioeconômicas promovidas por instituições públicas e privadas se voltam para as expectativas da grande festa. Em relação a estes aspectos Alves (1980), citando Moreira (1971) refere-se da seguinte forma

ao atualizar o mito do aparecimento da Santa, o Círio dá ênfase à origem do culto: daí o gesto piedoso, o despojamento nas atitudes, a reverência ao sagrado, as oferendas em contrapartida ao milagre. A procissão, em seu deslocamento espacial, refaz a ligação iniciada em 1793 entre o Palácio do Governo e a Basílica de Nazaré, reproduzindo assim, o que Moreira chama de um clímax de uma migração periódica de fundo religioso. (p.16).

No princípio, a mobilização de pessoas acontecia da cidade de Belém para o interior da Província, uma vez que Belém, na época, no século XVIII, era ainda um núcleo reduzido. Posteriormente, essa mobilização passou a ser feita no sentido oposto – do interior para a cidade –, pois os romeiros deslocam-se de todas as áreas da região caracterizando uma “migração periódica” porque a festa tem vida efêmera e depois da “quadra nazarena” se perde a áurea sagrada do espaço e Belém despede-se dos turistas e visitantes para aguardá-los no próximo ano.

Mas é importante a característica que a cidade conquista neste curto período, como centro de convergência, porém ela continua a desenvolver as suas funções rotineiras.

O período das festividades causa impacto em todas as demais funções da Metrópole, basta citar todo o mercado de consumo em relação à aquisição de bens simbólicos e materiais produzidos (velas, imagens, santinhos, camisetas, bonés, toalhas, escapulários, berlindas, lembranças, artesanatos, cheirinhos do Pará, frutas e comidas típicas) a partir do referencial das festividades e que movimenta milhões de reais. Essas mercadorias produzidas durante todo o ano, conta com um mercado consumidor especial e bastante aquecido no mês de outubro.

O crescimento e fortalecimento da infraestrutura da cidade para esta época expressa a forma da recepção aos turistas e visitantes, gerando trabalho e expandindo o setor terciário e/ou informal na forma de microeconomias tipicamente locais como o comércio de ervas, alimentos típicos no mercado do Ver-o-Peso, confecções e acessórios, ou ainda os artefatos da época em qualquer ponto da cidade. Há também expressivo acréscimo de serviços diversos como: de restaurantes, pousadas, hotéis, estacionamentos, táxi,

aluguel de carros, aluguel de imóveis, serviços turísticos, eventos musicais, exposições de arte e transportes aéreo, fluvial e rodoviário.

Belém do Pará como centro regional integrador, por ocasião das festividades nazarenas, reflete o conflito entre o papel requisitado para que ela desempenhe regionalmente o comando de várias funções e o sistema do tempo festivo acumulando aspectos de centro de convergência e de atração.

Há ainda a representatividade da festa em termos de manchete em jornais. Os dois maiores jornais de circulação, *O Liberal* e *Diário do Pará* publicam no domingo da procissão do Círio, cadernos especiais com pôster da Santa. Há manchetes também em rádio, televisão, vídeos, documentários, revistas e discos. Todo esse arranjo de natureza sociocultural e religiosa e a eficiência da indústria cultural é chamativo e atrativo, contribuindo para transformar a cidade em centro de convergência religiosa apesar do curto período. Pantoja (2008) afirma ainda que

o mercado em torno do círio não diz respeito só ao comércio em geral, mas ao Círio enquanto instrumento para a Igreja Católica para a evangelização. E explica: É um momento em que o catolicismo tenta resgatar fiéis e impedir perdas, já que atualmente as Instituições Religiosas disputam fiéis (p.1).

É o que acontece desde a Missa do Mandato: é visível a influência da Igreja e da Diretoria da Festa junto ao empresariado e ao poder público para que seja efetivado todo o suporte necessário às festividades, ao comércio e aos romeiros, tanto que as grandes empresas aéreas, rodoviárias e fluviais estabelecem agendas de viagens especiais para atender a demanda de turistas.

Neste sentido, conforme a autora, o evento religioso e o mercado se ajustam de forma que possam resgatar fiéis, este aspecto retrata a contemporaneidade quanto à expansão religiosa não só da igreja católica, mas também de outras vertentes.

No Capítulo 3, será abordado o objeto de estudo, como, por exemplo, a apresentação dos resultados da pesquisa de campo, observação *in loco* e experiências relatadas sobre os roteiros devocionais.

CAPÍTULO 3

Roteiros Devocionais

Como conceituar os Roteiros Devocionais que acontecem durante as festividades nazarenas? Por mais simples que seja a intenção de dizer que são procissões e romarias distintas, com características próprias, com históricos diferenciados, com percursos definidos para atender cada comunidade e ir onde o povo está, é também necessário dizer que todas essas formas de manifestações cultural-religiosas traduzem em fé, sentimentos e emoções as homenagens a cada ano à Santa Padroeira, renovando e reatualizando o mito do achado.

Os roteiros devocionais, objeto de estudo desta pesquisa, estimularam-me para a busca do entendimento sobre estes eventos, uma vez que a inserção de alguns deles aconteceu em épocas distintas, e pensar no trajeto percorrido por eles leva à reflexão sobre a dimensão de tamanha devoção, pois cada roteiro tem um percurso doloroso frente às condições físicas climáticas e extensivas, tantos são os devotos que não conseguem chegar ao final, acometidos por mal-estar de toda ordem.

Para elucidar a veracidade da preferência do devoto em relação aos roteiros devocionais, realizou-se pesquisa de campo para coleta de dados. Em questionário aberto, 63 voluntários responderam a perguntas tais como: “*Qual das procissões você prefere acompanhar?*” ou “*Qual o seu lugar de origem?*”, cujas respostas serviram de base para a construção de dois gráficos. Um relativo à procedência das pessoas que vêm à Belém durante o período; o segundo retratando a preferência pelas procissões e romarias.

Os questionários foram aplicados no local de trabalho (Instituto Federal do Pará), em algumas ruas e praças da Região Metropolitana de Belém, nas famílias dos vizinhos (os que recebem parentes e amigos para as celebrações) e em alguns pontos turísticos da cidade de Belém (Estação das Docas, Mercado do Ver-o-Peso, Praça Ver-o-Rio, e à porta de alguns hotéis próximos a esses pontos). Conforme a análise das perguntas previamente elaboradas

para este fim, as respostas obtidas se referiram aos roteiros devocionais da seguinte forma:

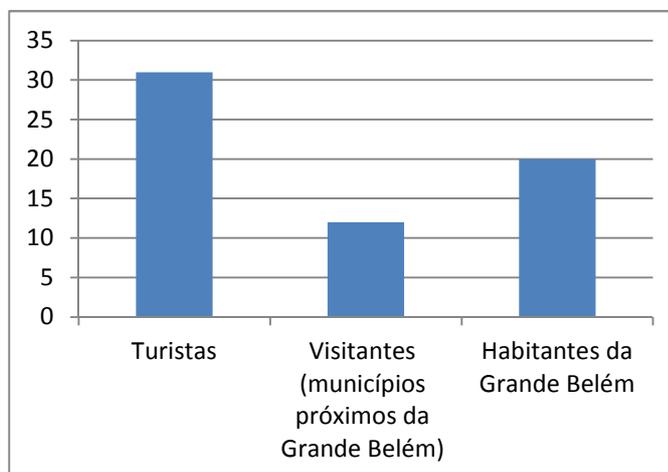
- a) 31 pessoas na categoria de turistas (alguns retornam, outros não) disseram participar apenas da procissão do Círio, por considerarem ser a principal, a mais importante e a razão das festividades nazarenas;
- b) 12 pessoas na categoria de visitantes vindas de municípios próximos disseram participar da procissão da Transladação, da procissão do Círio e da Procissão do Recírio, considerando que estes três roteiros devocionais representam o início, o meio e o fim das festividades;
- c) 08 pessoas na categoria de habitantes da Grande Belém disseram ficar em algum ponto de trajetos de procissões e romarias para assistirem a passagem da santa, devido a condições diversas como: problemas de saúde e transporte, e terem que caminhar sob o sol escaldante do mês de outubro, para elas é mais conveniente esta escolha.
- d) 07 pessoas na categoria de habitantes da Grande Belém disseram que acompanham todos os anos apenas a Procissão do Círio, por considerarem a essência das festividades, por ser a principal e também tradicional;
- e) 05 pessoas na categoria de habitantes da Grande Belém disseram participar da Procissão do Círio e da Romaria Fluvial, no imaginário, essas pessoas entendem que é mais importante acompanhar a Virgem por terra e pelas águas, elementos esses que estão no contexto da crença e das origens do achado da imagem.

Os sujeitos participantes da pesquisa nos permitiram visualizar suas preferências por um roteiro devocional, justificadas por eles pela relação com a fé e crença em Nossa Senhora de Nazaré, como observamos na fala abaixo:

Costumo voltar sempre que posso, é como se fosse obrigatório, venho para acompanhar a grande procissão, não me sinto cansada, me sinto gratificada (Joana Cardoso, procedente do Rio de Janeiro).

Conforme a demonstração no Gráfico 1, considerando a procedência e a participação das pessoas distribuídas nas categorias de turistas, visitantes e habitantes da Grande Belém, declarada através do questionário *in loco*, observa-se que o número de turistas é maior seguido por habitantes da Grande Belém e por último está a categoria de visitantes com o menor número de pessoas, isso pode ser justificado pelo fato de acontecer a reprodução do Círio nestes municípios situados fora da Grande Belém (Santa Isabel do Pará, Acará, Castanhal, Abaetetuba, Bragança, Santo Antônio de Tauá e Barcarena).

Gráfico 1: Procedência dos participantes das Festividades Nazarenas.



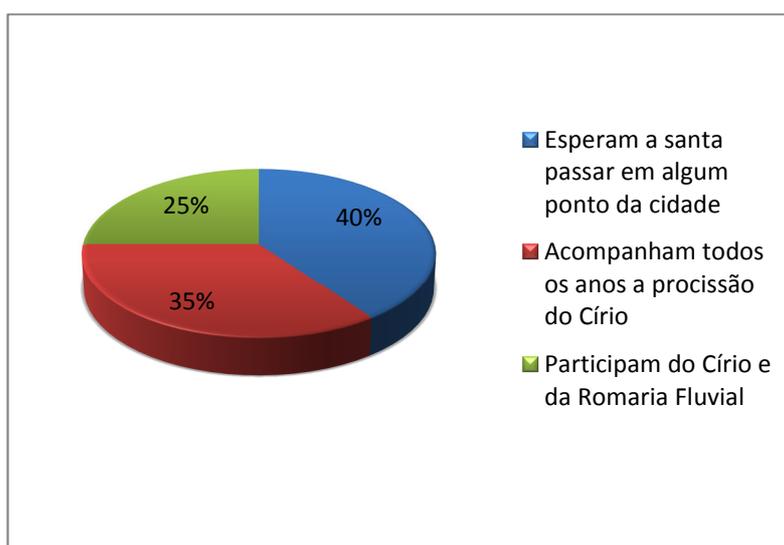
Fonte: Figueiredo (2012).

O Gráfico 2 apresenta o quantitativo de pessoas representando a categoria de habitantes da Grande Belém que, devido a extensão dos roteiros devocionais, quarenta por cento prefere esperar a passagem da Santa em algum ponto da cidade, trinta e cinco por cento acompanha apenas a Procissão do Círio por considerar como a principal, a mais importante do evento; e

finalmente, vinte e cinco por cento participa do Círio e da romaria fluvial, juntando na crença os elementos “terra e água” conforme a fala da devota que expressa esta convicção.

Frequento aqui todos os anos, moro aqui próximo no Município de Tomé- Açu e acompanho a procissão do Círio e a romaria fluvial,vou fazer isso enquanto viver. (Virgínia Silva).

Gráfico 2: Quantidade/Categoria Habitantes da Grande Belém



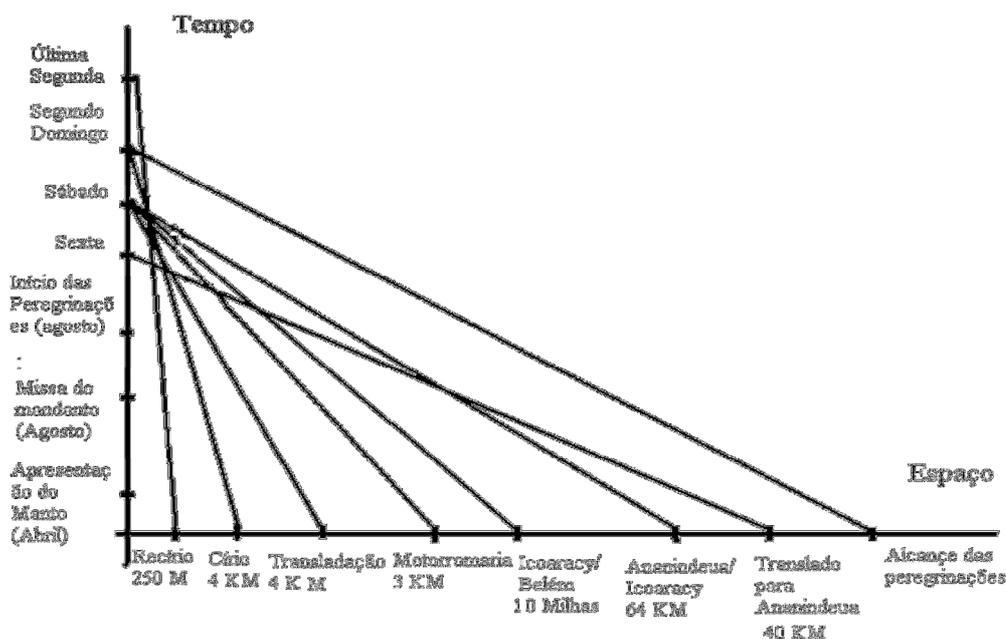
Fonte: Figueiredo (2012).

Considerando os roteiros devocionais nazarenos como formas espaciais de representações móveis e como formas de construções humanas, estes são itinerários criados, organizados e percorridos sistematicamente, mas não são rotineiros, ou seja, tornam-se formas organizadas e únicas de um evento religioso permitindo uma vez por ano vivenciar os trajetos e compor paisagens religiosas distintas. Como formas de construções humanas, os roteiros devocionais revelam características únicas e próprias que foram sendo criadas e recriadas ao longo dos séculos acumulando práticas culturais, religiosas e simbólicas que marcam esses acontecimentos e encontros com o semelhante e o sagrado na quadra nazarena conforme as falas evidenciadas anteriormente.

A produção do espaço-tempo do Círio por quase dois séculos só permitia um único roteiro. Deste momento em diante foram reproduzidos outros roteiros que hoje compõem um conjunto de onze roteiros dentro da área metropolitana de Belém e também em círios menores nas microrregiões paraenses e fora do Estado, ou seja, a procissão do círio de Belém comanda o ciclo de círios em diversos lugares. A partir de 1972 foram introduzidas as peregrinações que permitiram estender a presença de réplicas de Nossa Senhora para os lares e instituições.

Na representação esquemática da configuração tempo-espço das festividades nazarenas (Gráfico 3), observa-se a ocorrência de alguns eventos que em ordem cronológica evidenciam a organização graças à Diretoria da Festa e a aceitação pelos demandantes, sinalizando assim início e fim da grande festa. Na escala do tempo: desde a apresentação do manto até a procissão do Recírio na última segunda-feira de outubro. Na escala do espaço: desde o alcance das peregrinações até a procissão do Recírio, sendo que dos sete roteiros da configuração esquemática, cinco deles acontecem por terra e a romaria fluvial (no sentido Icoaraci-Belém e vice-versa) ocorre na Baía de Guajará

Gráfico 3: Representação esquemática da configuração espaço/tempo da audiência das Festividades Nazarenas



Fonte: Figueiredo (2013) – adaptado da Revista Amazônia (2008).

Costa *et alii* (2008) afirmam no artigo publicado na *Revista Amazônia*,

a reconfiguração espaço-tempo do Círio não é, pois, neutra em relação a sua finalidade. A formação de uma audiência para o poder e para a palavra de fé em Deus e esperança em Cristo, com a mediação de uma manifestação particular da Virgem, sua mãe. A rigor do manejo dessas duas variáveis tem dependido a eficácia e a continuidade do sistema (p. 100).

Ao se fazer a relação entre o pensamento dos autores com o que acontece nas festividades nazarenas, pode-se afirmar que há um conjunto de ações envolvendo instituições e vários atores componentes de diversos segmentos sociais que se envolvem e se articulam para a efetivação do objetivo final, a continuidade da audiência do sistema do Círio.

As pesquisas bibliográficas e exploratórias desenvolvidas durante a produção deste trabalho foram na direção de alguns aspectos que respondem sobre a existência de inúmeras representações sociais traduzidas em romarias e procissões que ocorrem para além dos limites da cidade:

- a) A extensão do espaço geográfico da Região Metropolitana de Belém (Mapa 4) que torna difícil o deslocamento dos devotos de outros municípios nas proximidades;

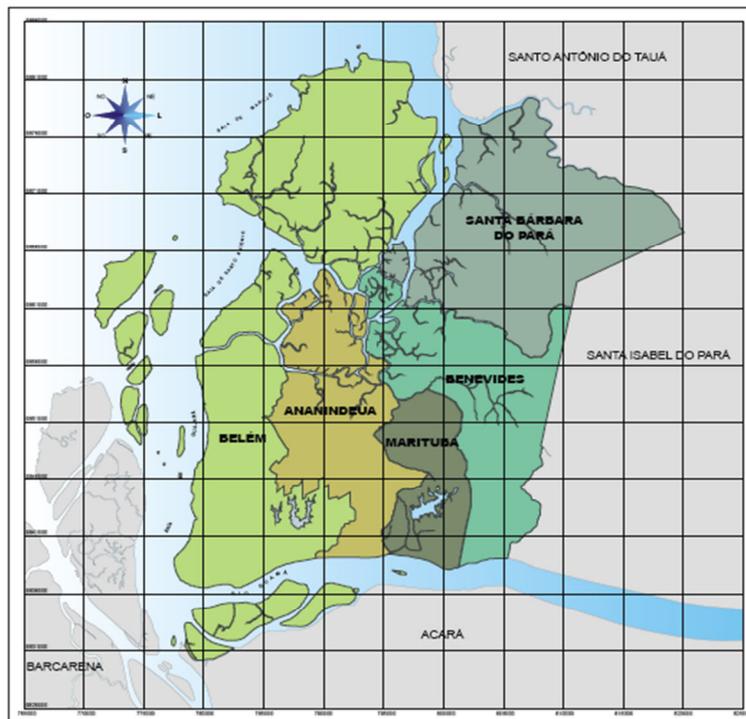
Mesmo sendo constituída de terras contínuas e sendo entrecortada apenas por pequenos rios e igarapés, a única conurbação que se observa está entre as cidades de Belém e Ananindeua, a partir daí, através da BR-316, observa-se um esvaziamento populacional e distanciamento cada vez maior do grande centro urbano da Cidade de Belém.

A rede de transporte coletivo torna-se insuficiente, o que predomina mesmo como meio de transporte são vans e motos para atender a população, a mesma situação segue ao Município de Santa Bárbara do Pará.

O cortejo religioso do translado para Ananindeua chega até a entrada de Marituba, por isso é que os devotos dos municípios de Benevides e Santa Bárbara se deslocam até aquele município para homenagear a Padroeira e

chegam a Belém apenas para a procissão do Círio. Contudo, cada segmento social procura de alguma forma celebrar e homenagear a Santa.

MAPA 4: Região Metropolitana de Belém



Fonte: Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão (2005).

- b) A necessidade religiosa de ir ao encontro da padroeira e protetora para homenageá-la e/ou pagar promessas. Assim, cria-se um roteiro devocional distinto.
- c) A necessidade da representatividade de segmentos sociais que possam participar das homenagens em estilos diferenciados dos tradicionais. Neste caso, a escolha da romaria é mais apropriada porque tem caráter mais popular e mais profano que a procissão. É o caso dos ribeirinhos na romaria fluvial, dos motociclista na motorromaria, dos ciclistas na Ciclo Romaria e dos jovens na romaria da juventude.

Os percursos são variados, ao todo os participantes percorrem 130Km pelas ruas de Belém, ultrapassando os limites desta cidade e chegando aos

outros da Região Metropolitana (Ananindeua e Marituba), e cada roteiro explicita a participação dos devotos seja pelas áreas litorâneas ou centrais registrando alguma particularidade que caracteriza o regional, seja em caráter sagrado ou profano. Segundo Debray, *apud* Oliveira (2001):

Isso funciona esquematicamente bem, até que as bases profanas do universo sagrado sejam radicalmente abaladas. Como é possível delimitar com precisão o comportamento religioso mais adequado numa romaria, diante de uma sociedade urbano-industrial incentivada ao consumismo pós-industrial? Em termos pragmáticos, a resposta está nos limites do simplório que povoa a concepção de mundo pós-moderno: entende-se que é sempre necessário resgatar os bons e velhos valores perdidos (DEBRAY, *apud* OLIVEIRA (2001), p.148).

De acordo com a época em que estamos, é comum averiguar o confronto do sagrado e do profano no decorrer dos roteiros devocionais, porém, em nenhum aspecto o objetivo deixa de ser cumprido até porque o binômio mencionado torna-se o elo entre a Religião, o Povo e o Lugar. As manifestações sagradas contidas no plano da dimensão divina de alguma forma atuam junto aos aspectos da dimensão profana, e atualmente é impossível evitar tal confronto. Quanto mais a sociedade evoluir, mais próximo e imbricado estarão o sagrado e o profano, quer seja pela força da mídia, quer seja pela criatividade do consumismo, quer seja pela arte, e é o que observamos após a procissão da transladação no sábado que antecede a grande procissão do Círio, um grupo artístico apresenta-se com “A Festa das Filhas da Chiquita” na Praça da República. Os brincantes apresentam-se travestidos e bastante coloridos – este aspecto no entendimento das pessoas que assistem e participam é algo que faz parte da quadra nazarena por acontecer só neste período.

Assim sendo, os onze roteiros devocionais são trilhados e cumpridos demandados pela organização das festividades e pela vontade popular e que cabe citá-los conforme as características de cada um:

1º) O Translado é uma iniciativa da Diretoria da festa. Ocorre na segunda sexta-feira do mês de outubro, num percurso de 40km através da Avenida Almirante Barroso, alcançando a rodovia BR-316 até entrada do Município de

Marituba, retornando então para o Município de Ananindeua, onde a imagem peregrina permanece sob vigília na Igreja Matriz daquele Município. Este percurso marca o início dos roteiros devocionais da quadra nazarena. Há uma particularidade neste roteiro: o trajeto envolve a passagem por várias paróquias e igrejas, como: Nossa Senhora de Guadalupe, São Miguel Arcanjo, Santo Antônio da Pádua, Igreja do Amparo, do Divino Espírito Santo, de Santa Rita de Cássia, de Santa Paula Francinete, São Lucas, São Vicente de Paula, do Menino Deus e pela Matriz de Ananindeua, Nossa Senhora das Graças. A figura 8, a seguir ilustra o referido roteiro.

Figura 8: Translado da imagem Peregrina para os Municípios de Ananindeua e Marituba/PA



Fonte: Figueiredo (2009).

2º) Romaria Rodoviária é uma continuidade da procissão anterior, é uma iniciativa do Sindicato das Empresas de Transportes de Carga com o apoio da Diretoria da Festa, e acontece no sábado pela manhã. Inicia na Igreja-matriz de Nossa Senhora das Graças, em Ananindeua, e segue até ao Distrito de Icoaraci pela Rodovia Augusto Montenegro, percorrendo 64km. A seguir a figura 9 ilustra aspectos da Romaria Fluvial.

3º) Romaria Fluvial também conhecida como “Círio das Águas” ocorre no sábado, como continuação da procissão anterior. Inicia no trapiche do Distrito

de Icoaraci e termina na escadinha do Cais do Porto em Belém, contornando parte da Baía de Guajará conforme apresentado no mapa 5.

MAPA 5: Percurso Rodo - fluvial



Fonte: Castro (2013)

Com percurso de 10 milhas, esta romaria é uma iniciativa da Diretoria da Festa com o apoio da Marinha Brasileira. Foi instituída para que os ribeirinhos e ilhéus pudessem também homenagear a padroeira. É também o grande encontro da Padroeira com as águas amazônicas que a trouxeram para reinar nesta região do mundo. Na chegada, em Belém, no Cais do Porto, a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré é recebida com homenagens de Chefe de Estado pelas autoridades locais, pela artilharia das Forças Armadas, da Polícia Militar e convidados especiais.

Figura 9: Romaria Fluvial



Fonte: Figueiredo (2009).

Atualmente mais de mil embarcações fazem parte deste cenário religioso entre grandes barcos, lanchas, balsas, veleiros e os botes ou barquinhos dos ribeirinhos, todos muito ornamentados com símbolos nazarenos com flores e ramagens amazônicas, tornando um colorido especial entre o céu azul desta época do ano com as águas turvas da Baía de Guajará. Como continuidade dos roteiros devocionais a figura10 ilustra o cortejo da motorromaria.

4º) Motorromaria: ocorre logo após a Romaria Fluvial. É uma iniciativa da Federação Paraense de Motociclismo com consentimento da Diretoria da festa e ocorre em um percurso de três quilômetros, com partida do Cais do Porto em Belém e chegada da imagem ao Colégio Gentil Bittencourt, na Avenida Magalhães Barata, próximo à Basílica de Nazaré. A seguir a figura 11 ilustra aspectos da Procissão da Transladação.

Figura 10: Motorromaria



Fonte: Site <<http://cirio.orm.com.br>>
Acesso em: 12/07/2012

4º) Transladação: ocorrendo no sábado à noite que antecede a grande procissão do Círio, a transladação é uma iniciativa tradicional da Diretoria da Festa. Simbolicamente visa recordar a lenda do descobrimento da imagem e o local de seu achado. É uma procissão à luz de velas levadas pelos devotos durante todo o percurso de 4km, com saída do Colégio Gentil Bittencourt até a Igreja da Sé ou Catedral Metropolitana de Belém, no Bairro da Cidade Velha.

Um dos momentos mais emocionantes ocorre durante a homenagem do sindicato dos Estivadores e Arrumadores, que solta fogos de artifícios em honra à Virgem de Nazaré, num verdadeiro espetáculo de cores e luzes.

Figura 11: Transladação

Fonte: CANALI, 2011. Site <<http://cirio.orm.com.br>>
Acesso em: 12/07/2012

A seguir, a Procissão do Círio ilustrada nas figuras 12 e 13 como a culminância das celebrações à Virgem de Nazaré.

5º) Círio: é a principal procissão da quadra nazarena, considerada uma das maiores e mais belas do Brasil e do mundo. Ocorre no segundo domingo de outubro há quase dois séculos e meio, desde 1793, e este ano, 2013, será o 221º. A imagem sai da catedral da Sé, no Bairro da Cidade Velha, e é seguida, anualmente, por mais de dois milhões de devotos num percurso de quase 4km até a Praça Santuário de Nazaré em frente à Basílica, no Bairro de Nazaré.

Figura 12: Círio e Promesseiros



Fonte: Figueiredo (2009)

Figura 13: Círio, a corda e a berlinda.



Fonte: Editora Horizonte (2011)

Por sua grandiosidade, o Círio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como patrimônio cultural de natureza imaterial. A procissão do Círio é o momento da sacralização por excelência; o simbolismo cultural-religioso se confunde nas homenagens, as emoções são fortes e distintas, os gestos das pessoas são de humildade e de agradecimento, os gestos de padecimento são comuns, quer seja segurando a corda ou simplesmente caminhando fora dela. A cada ano, o Círio toma proporções maiores e, para que tudo ocorra da melhor forma, o planejamento é feito o ano inteiro. Uma característica marcante é que todos os anos a procissão do Círio traz um tema. O do ano de 2012 foi: “*Ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo, com Maria e do jeito de Maria*”. Outro aspecto distinto é a apresentação do Manto com bastante antecedência, no ano de 2012 aconteceu numa missa solene no dia dez de abril. Segundo a Diretoria da festa, o orçamento das festividades nazarenas para 2012 foi planejado em dois milhões e seiscentos mil reais.

A corda representa o limite do padecimento e do agradecimento, esses dois elementos se completam durante esta celebração, e consolidam e refazem os votos de crença e fé. De acordo com Alves, no artigo *A Festiva Devoção do Círio de Nossa Senhora de Nazaré* (2005),

a procissão propriamente dita, do Círio de Nazaré, pode ser decomposta em três espaços em movimento: um núcleo estruturado, constituído pelas autoridades civis, militares, eclesiásticas, políticas, altos funcionários, irmandades religiosas, convidados especiais, todos usando uma pequena flâmula que permite entrar na corda; um segmento intermediário ou liminar composto do grupo de pessoas que seguram a corda e “puxam” a berlinda com a santa e, um terceiro segmento, composto de uma massa compacta e gigantesca de acompanhantes, pessoas que seguem a Berlinda ao redor por todo o trajeto (p. 6).

As observações do autor podem ser confirmadas conforme a Figura 13. O núcleo é o centro da procissão e da consagração, disputado tanto pelo poder político como o religioso e onde as posições são demarcadas antecipadamente, com posições atribuídas a cada categoria participante de

acordo com o costume e circunstâncias políticas e interesses em jogo no momento. Esta composição estruturante iniciou com as primeiras procissões do Círio no Século XVIII. Desde então, Igreja e Estado tomaram a iniciativa de formar no cortejo um núcleo separado da massa popular.

Conforme o *dossiê Iphan* (2004),

o Círio de Nazaré pode então ser percebido como uma festa polissêmica, um campo de conflitos, fruto do embate permanente entre diferentes tradições, entre experiências múltiplas tecidas no contexto da romaria. Num espaço que sugere a ordem, é possível perceber momentos de desordem, transgressão e conflito com a oficialidade da festa. Ao separar bailes e missas, rezas e danças, para o bem da noção de “espírito religioso”, a igreja cria uma espécie de modelo de comportamento cristão, significando uma perfeita adequação aos seus ensinamentos e uma absoluta obediência aos membros do clero (2004, p. 27).

No decorrer da grande procissão, as transgressões tornam-se comuns, são principalmente ingestão de bebidas alcoólicas, atos de brincadeiras, namoros e até pequenos furtos. Parte das pessoas adéquam-se aos dogmas e padrões criados e orientados pela Igreja Católica, mas outras pessoas seguem seus próprios ritmos. Os promesseiros são um destaque particular, imbuídos na fé carregam os objetos que representam o pedido e a graça alcançada. Até três décadas atrás, os objetos que simbolizavam os agradecimentos eram produzidos pelos próprios promesseiros com argila, miriti ou madeira. Atualmente, com a evolução da tecnologia voltada para novos materiais, parte destes objetos é encomendada em lojas ou fabriquetas especializadas e são produzidos com isopor especial e cera. O Círio de Nazaré se repete como um desfile etnográfico e como um ritual de memória, história e tradição.

6º) Ciclo-Romaria: Esta procissão é uma iniciativa da Federação dos Ciclistas do Pará e da Associação dos Ciclistas de Icoaraci. Ocorre sempre no sábado posterior à festa do Círio. É a procissão mais recente e foi incorporada aos roteiros em 2004, e todos os anos o trajeto é definido dois meses antes das festividades, ou seja, não há um roteiro permanente.

O Mapa 6 apresenta o roteiro definido em 2012:

7º) Romaria da Juventude: é uma iniciativa da própria Basílica de Nazaré e das catequeses de diversas paróquias de Belém. Tem como objetivo integrar todas as paróquias na realização das festividades nazarenas e também de evangelizar e resgatar jovens de várias comunidades. Tem como característica a animação por trio elétrico e ocorre na tarde de sábado posterior ao Círio; inicia na igreja de Santa Maria Goretti, no Bairro do Guamá, até à Praça Santuário no Bairro de Nazaré.

8º) Romaria das Crianças: é uma iniciativa a partir da Basílica de Nazaré e tem como objetivo fortalecer a devoção mariana entre as crianças. Ocorre no primeiro domingo após o Círio, partindo da Praça Santuário, com o percurso de quase 2 km percorre apenas as ruas e avenidas do Bairro de Nazaré. O destaque desta romaria é a presença do Carro dos Anjos.

9º) Procissão da Festa: é a terceira mais antiga depois do Círio e da Transladação, datada de 1881. É uma iniciativa da Diretoria da Festa e das Comunidades Paroquianas que fazem parte da Basílica Santuário. Ocorre no segundo domingo após o Círio, com saída da Praça Santuário e percorre o trajeto de quase 3 km pelas ruas e avenidas do Bairro de Nazaré.

Todo ano uma comunidade é prestigiada pela procissão. Tem um caráter mais fechado e privativo, sendo a sua composição precisamente só com os membros da Diretoria da festa e de comunidades paroquianas.

10º) Recírio: Ocorre após os quinze dias da festividade nazarena. É a procissão do encerramento das festividades, da despedida da padroeira para retornar tudo no ano seguinte. Há uma cerimônia de despedida com queima de fogos. A imagem peregrina volta para o nicho da capela do Colégio Gentil Bittencourt. Ocorre na segunda-feira, e inicia na Praça Santuário, num percurso de 250m, segue até a Capela do Colégio Gentil Bittencourt, na Avenida Magalhães Barata, onde a imagem peregrina fica guardada para a próxima transladação. As atividades normais na cidade reiniciam às quatorze horas deste dia. Desta forma, as festividades nazarenas fecharam mais um ciclo.

Ficaram registradas imagens, fotografias, reportagens e lembranças para se renovarem no próximo ciclo. Os visitantes e turistas retornam, a cidade fica calma e gradativamente começam os planejamentos para a próxima festa.

Há de registrar que os principais símbolos se repetem em todos os cortejos, é o caso da Imagem Peregrina, a Berlinda e o Manto.

3.1. Procissões e Romarias: Os Caminhos de Nazaré

Biblicamente, as procissões já existiam conforme as citações dos evangelhos. Por exemplo, Jesus Cristo, ao entrar triunfalmente em Jerusalém, foi aclamado com palmas ao conduzir uma multidão de seguidores. Outro episódio clássico que não pode deixar de ser citado é a procissão na qual Davi conduz a Arca da Aliança, do território dos Filisteus para Jerusalém, durante a qual se dança e se entoam hinos.

As procissões e romarias adentraram a cultura brasileira, conseqüentemente a amazônica, pelo processo da colonização e pela influência direta dos missionários jesuítas que trouxeram essas práticas religiosas de exaltar e demonstrar a devoção ao santo padroeiro para além dos templos, catedrais e igrejas, com a intenção de seduzir os índios para a catequese e também de atrair os colonos para a Igreja Católica.

Assim, como reflexo do passado mais mesclado com o moderno e com o regional, as romarias nazarenas adquiriram caráter singular, distinguem-se por apresentarem momentos com características próprias, onde há expressões de alegria, festa, fé, sofrimento, partilha e conquista. Assim sendo, os devotos participam em motos e bicicletas coloridas e enfeitadas e até acompanhados de trio elétrico. Já as procissões nazarenas, organizadas especialmente pela Diretoria da Festa, têm caráter de cortejo religioso, sempre realizados em marcha solene, e compõe-se por autoridades eclesiásticas e políticas, ou seja, a Igreja, o Estado, o Povo, a Imagem da Padroeira e todos os elementos simbólicos incorporados às procissões merecem destaque, tais como:

- a) A Imagem Peregrina – é uma imagem com feições caboclas, mais próxima da fisionomia dos devotos da região – foi produzida no final da década de 1960. Esta imagem é a que acompanha todas as procissões

e romarias e as viagens oficiais para fora do Estado, é a que fica também exposta na Praça Santuário por toda a quadra nazarena para a veneração dos devotos e está presente em todas as demais manifestações religiosas, como as inúmeras missas e novenas. Com a última procissão, a do Recírio, a imagem peregrina retorna para o Colégio Gentil Bittencourt.

- b) A corda que pesa aproximadamente 700 quilos de puro sisal e mede aproximadamente cerca de 420m de comprimento, contorna o espaço físico do sofrimento corporal, dos sentimentos de agradecimentos, dos louvores populares e da diversidade.

É necessário entender o significado da corda para entender o fundamentalismo deste elemento histórico-religioso que sacraliza, humaniza e transcende para a fé a crença em Nossa Senhora de Nazaré.

Para muitos é entendido como o “espaço da purificação”, quando o homem crente busca através do padecimento corporal o entendimento do sagrado e o conforto espiritual, após ter os joelhos, pés e mãos flagelados, mas sente-se confortado com o dever cumprido frente ao que acredita ter lhe proporcionado o atendimento da graça alcançada. A figura 14 ilustra a singularidade e a popularidade deste símbolo.

Também representa a força e resistência do caboclo frente às adversidades do meio físico, como a alta temperatura, alta umidade, as chuvas intensas e as grandes distâncias, que segundo o Informe Publicitário de *Caminhos da Fé* (2010):

Não há medida capaz de estabelecer o tamanho da fé agarrada na corda do círio. Maior do que a tradição, “ir na Corda” é sinal de devoção. Círio é uma turbina fervendo sob o sol tropical. A corda é fio elétrico plugado na Santa, energizando a cidade (p.50).

Os percursos das procissões e romarias são extensos e permitem a caminhada com sacrifício sob o sol escaldante do mês de outubro cujas temperaturas diárias oscilam em torno de 30°. Na procissão do Círio, as pessoas vão além do limite humano, com pés descalços,

muitos devotos caminham pelo asfalto para agradecerem a graça alcançada ou o pedido de socorro atendido pela virgem, que conforme Paes Loureiro (2010)

no percurso que ela é puxada pelos promesseiros há lances dramáticos na ficção de corpos suados e extenuados; no atropelo das pessoas levantadas e empurradas acima do chão; no sangramento dos pés feridos nas pedras e cacos do caminho, no calejamento dolorido das mãos (p. 20).

Figura 14: A Corda



Fonte: Warley (2011)

A existência da corda tem provocado discussões ao longo do tempo, e estão sempre atreladas ao aumento da audiência a cada ano. Desta forma, a primeira discussão propõe suprimir esse valor simbólico com o objetivo de controlar preços e despesas dos festejos. A outra discussão ocorre em razão da permanência e da integridade simbólica. De certa forma é a corda que faz o grande diferencial e que também sistematiza e organiza o percurso do Círio. A seguir, a figura 15 ilustra toda a delicadeza da preparação da Berlinda.

- c) Berlinda: símbolo com várias mudanças desde 1855, quando substituiu o palanquim, um tipo de carruagem puxada por cavalos ou bois. Atualmente é talhada em cedro vermelho e de estilo barroco, serve como objeto de exaltação, encanto e admiração; Lá dentro segue a Rainha da Amazônia cercada de flores, às vezes regionais, outras vezes importadas do sul do Brasil, e conforme a tradição ela passa e abençoa seus súditos fiéis.

A ornamentação do andor segue um ritual especial de preparação que muda conforme as procissões. A da procissão do Círio é preparada por três casais escolhidos pela Diretoria da Festa sob a orientação de um especialista do serviço religioso para que tenha um tom artístico e angelical. A figura 16 mostra o Manto da Virgem referente ao ano de 2011.

Figura 15: A Berlinda



Fonte: Warley, 2011

- d) Manto: confeccionado por pessoas, em Belém, escolhidas a partir da Diretoria da Festa, utilizando material caro e importado, como fios de ouro para relatar partes importantes do evangelho. A cada ano o Manto muda de cor e de desenho, sempre sob a supervisão de um especialista

de serviço religioso. A apresentação deste símbolo para a sociedade local ocorre por ocasião de uma missa especial (em 2012 aconteceu no mês de abril). Após o encerramento das festividades, cada manto vai se juntar a uma coletânea guardada no Museu do Círio, e sempre no decorrer das festividades são colocados na Exposição dos Mantos. A seguir, as figuras 17 e 18 ilustram o carro de promessas e o carro dos anjos em forma de alegorias.

Figura 16: Manto da Virgem do ano de 2011



Fonte: <<http://cirio.orm.com.br/>>

Acesso em 05/08/2011

e)Alegorias: conforme o dossiê Iphan (2004), as alegorias têm influência lusitana. Elas fazem parte da estrutura da procissão principal, o Círio, desde suas origens. Apesar de muitas terem sofrido modificações ao longo do tempo, outras só existirem na memória e de outras ainda terem sido criadas, acompanhando a própria dinâmica de transformação do Círio, algumas constituem

elementos essenciais da procissão, pois fazem referência a milagres fundamentais da Santa.

Introduzidas no cortejo há quase três séculos, ainda com algumas alternâncias, são partes da memória coletiva e também permanecem como elementos essenciais desta manifestação. É como se fosse um embate em que a Igreja Católica impõe a cultura religiosa em forma de alegorias frente à cultura popular carregada do regionalismo. Essas alegorias apresentam-se em carros:

1. Carros de Promessas: possuem a função de recolher os ex-votos ilustrativos das graças alcançadas (objetos que representam aquilo que as pessoas pediram e conseguiram). As velas ou Círios, feitas de cera, em vários formatos e tamanhos, algumas até representam a altura do promesseiro, outras, partes do corpo humano, e que posteriormente são encaminhados para o Museu do Círio.
2. Carro dos Anjos: Traz as crianças, tradicionalmente vestidas de anjos tanto na Procissão do Círio quanto na romaria das crianças. Considerando a questão da pureza e inocência, só é permitido dentro deste carro crianças com até dez anos de idade.
3. Carro do Anjo Custódio: representa o anjo da Guarda.
4. Carro da Santíssima Trindade: reproduz com imagens esse elemento central da doutrina cristã.
5. Carro do Caboclo Plácido: por sua vez, representa o momento do achado da imagem da santa.
6. Carro do Anjo Protetor da Cidade ou o Anjo do Brasil: este carro simboliza o país.

7. Carro dos Milagres: refere-se ao milagre que teria ocorrido no ano 1182, quando o fidalgo português Dom Fuas Roupinho, prestes a despencar de um abismo com o seu cavalo, recorreu a Nossa Senhora de Nazaré.

Figura 17: Carro de Promessas



Fonte: Figueiredo (2009).

Figura 18: Crianças vestidas de anjo



Fonte: Figueiredo (2009)

Segundo o *dossiê Iphan (2004)* a origem das numerosas barcas e das crianças vestidas de marinheiros que acompanham o Círio está relacionada, de um lado, ao fato de Nossa Senhora de Nazaré, desde Portugal, ser uma espécie de Santa Protetora dos homens do mar, tendo sua devoção iniciada numa aldeia de pescadores. Há também o simbolismo próprio da região amazônica, uma vez que grande parte do transporte é realizado através de embarcações, por seus milhares de rios, situação muito bem retratada no verso da canção de Paulo André e Rui Barata, “*esse rio é minha rua.*”

Segundo Da Matta em *Carnavais, Malandros e Heróis (1979)*, destaca-se “a presença de vários elementos que combinam, numa mesma festa, a carnavalização, o civismo e a devoção, pois se tratam de aspectos essenciais de uma representação simbólica do conjunto da sociedade pela ótica do ritual” (p. 30). Dessa forma, o autor refere-se aos carros que representam simbolicamente as barcas, chamado pelo autor de carros alegóricos, semelhantes aos que desfilam no carnaval, porém denominado simplesmente alegorias pela Igreja Católica, com o sentido voltado ao sagrado e à tradição religiosa portuguesa. Da mesma forma, há correspondência entre a presença do toque dos clarins e das bandas para anunciar que a Procissão do Círio vai passar como as escolas de samba com o anúncio do “abre alas”. Porém, para os devotos os carros em forma de barcas e barcos têm intrínseca relação com a natureza do achado da santa em um igarapé e com a vida dos caboclos e ribeirinhos. Simbolizam por excelência o meio de transporte mais comum na região e a relação deste com as águas.

Os carros em forma de barcas assim se destacam: Barco dos Escoteiros; Barca Nova; Barca com Velas; Barca com Remos; Barca Portuguesa.

3.2. Analogias, contradições e as diversas polivocalidades das romarias

Como última parte deste capítulo é considerável trazer alguns aspectos que tratam da analogia, das contradições e polivocalidades entre os dois roteiros escolhidos para estabelecer um cenário de acontecimentos semelhantes e diferenciados.

Explicitar a realidade sobre as duas romarias é reunir informações específicas permeadas no contexto espacial de aspectos divergentes quanto à natureza dos trajetos. Um que é percorrido na Baía de Guajará, outro com roteiro não permanente e resguardado para definir dois meses antes, por ruas e avenidas alternativas. Porém, como formas de construções humanas se igualam quanto à realização de ações, vontades e desejos únicos inerentes ao evento religioso. Em ambas observamos as mesmas representatividades simbólicas: a imagem peregrina, a berlinda, os anjos, e ainda os devotos entoam os mesmos cânticos e rezam as mesmas preces. Estes aspectos, segundo Rosendahl no artigo intitulado *Território e Territorialidade* (2005), “é nesta perspectiva de considerar a experiência no lugar como de fundamental importância para a capacidade humana de produzir espaços simbólicos” (p. 4), ou seja, os roteiros devocionais em questão são espaços produzidos e garantidos como parte da festividade oficial.

É visível observar a diferenciação de classes sociais no âmbito da romaria fluvial (mapa 5) pelos tipos de embarcações participantes, assim como a questão midiática que permeia com mais expressividade desde o *marketing* em relação a propaganda e venda de pacotes de empresas especializadas a partir do mês de maio para as pessoas com maior poder aquisitivo.

Figura 19: Romaria Fluvial



Fonte: Figueiredo (2012).

Todavia, a ciclo romaria tem expressividade mais simples. A composição significativa deste roteiro é de pessoas que trabalham por conta própria em pequenos ofícios, que transitam pelas ciclovias diariamente no caminho trabalho e casa e vice-versa.

No contexto das analogias e contradições nas quais as semelhanças e diferenciações socialmente ocupam espaços divididos, há forma subjetiva e profunda de apreensão e percepção sobre os roteiros devocionais e sobre as ações humanas, interagindo e compondo esses eventos. Meinig (2002) aborda “como os sujeitos criam muitos significados para a mesma paisagem” (p. 35), ou seja, neste sentido o autor sustenta a condição das construções humanas para um mesmo objetivo e o que podemos observar de várias maneiras e formas. Assim sendo, os roteiros devocionais tornam-se paisagens religiosas que incorporam a natureza, a história do lugar, o *habitat*, a estética e os artefatos e como tudo isso é demonstrado na preparação dos barcos e das bicicletas, que conforme Berque (1998)

A paisagem é uma marca, que expressa uma civilização a partir de sua materialidade, que pode e deve ser descrita e inventariada; mas também uma matriz, que participa dos esquemas de percepção, concepção e ação, ou seja, da cultura (1998, p. 84).

Sobre este aspecto, Meinig (2002), comentando Berque (1998), “nos leva a perceber a multiplicidade dos valores que o conceito de polivocalidades adquire no contexto das construções e paisagens humanas” (p. 35).

Conforme o autor, não interessa aos seres humanos serem divididos pelos aspectos socioeconômicos, mas sim todos juntos como participantes da mesma paisagem construída sob o mesmo significado, compondo o mesmo território, é como se esse novo conceito tornasse unificado a multiplicidade das semelhanças e diferenças das ações humanas que se interpenetram na mesma cena e no mesmo objetivo, caracterizando inovações e criações que emergiram no contexto do comportamento humano na contemporaneidade demarcando diversas espacialidades.

O Círio de Nazaré tem essa expressão de juntar todos, pessoas de credos diferentes, de classes e estratos sociais distintos, ou seja, há o domínio da diversidade, para que todos possam participar das festas, desde as procissões e romarias até as que acontecem no entorno do Círio.

Desta forma, os roteiros devocionais em estudo são mediações espaciais manifestadas por grupos sociais que se apropriaram dos aspectos devocionais e culturais enquanto demonstração do sagrado e do profano. Os aspectos referenciais dispersos espacialmente permitem identificar os locais das passagens da imagem peregrina apresentados aqui, reunindo informações sobre os dois roteiros devocionais referentes ao contexto deste item.

A Ciclo Romaria (mapa 6) é um evento em ascensão, visto que seu surgimento data do ano de 2004, e devido ter o trajeto alterado todos os anos, em 2012 teve percurso de aproximadamente treze quilômetros, no tempo de duas horas e trinta minutos, acompanhado por aproximadamente três mil devotos, ocorreu na área central da cidade abrangendo bairros bastante urbanizados e densos demograficamente: Bairro de Nazaré, de São Brás, Batista Campos, Reduto e Umarizal. Há uma especificidade neste evento que valoriza a criatividade dos participantes: é a premiação pela Diretoria da Festa para a bicicleta mais enfeitada (Figura 20). O primeiro lugar ganha outra bicicleta, o segundo e terceiro lugar respectivamente ganham acessórios de bicicleta.

Figura 20: Ganhador do Concurso



Fonte: Warlem (2012)

Registrar e representar o que se vê nos caminhos dos roteiros é a outra face das construções humanas enquanto parte das festividades, e para isso houve a necessidade de buscar no conjunto da Cartografia e Geografia a representatividade em forma de mapas temáticos como instrumentos da análise geográfica, que segundo Martinelli em *O Mapa do Geógrafo* (1986) “devemos entender que o mapa é um instrumento de trabalho e, portanto, muitos deles são construídos para descobrirmos o que há a dizer” (p. 4).

Desta forma, conforme o autor os mapas representativos (p. 70 e 77) tratam das distintas realidades, são os instrumentos específicos que trazem para a compreensão os roteiros devocionais em estudo e os elementos referenciais indicados nas legendas que sinalizam os diversos e distintos elementos naturais e construídos existentes no percurso, seja uma Instituição Pública ou Privada, seja um templo, uma praça, uma ilha ou uma baía.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar o que são os Roteiros Devocionais como objeto envolvendo elementos sagrados e profanos, ritualizados e simbolizados nas festividades de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará, exige a percepção da interação dos aspectos, das características, dos elementos que compõem esses eventos no contexto do sagrado e do profano. A busca pelas origens destes trajetos religiosos traz a certeza da força simbólica que é a razão profunda do existir destas formas de manifestação popular e de celebração que a cada ano os fiéis procuram renovar. Como explicar que no período de apenas quinze dias de festividades, haja a realização de onze cortejos distintos entre procissões e romarias? Em alguns dias há dois cortejos e certamente tem público; este aspecto pode responder em parte, considerando o fluxo migratório e a opção de cada pessoa em escolher um dos cortejos. Considerando ainda uma condição externa – o de cada ano a cidade de Belém receber mais turistas e visitantes – há uma preocupação por parte da organização da festa em atender os devotos e conduzi-los para que participem dos inúmeros cultos, procissões e romarias, e por questões internas, considerando as solicitações do povo e a extensão geográfica da Grande Belém e de algumas entidades de classe, houve a aprovação da Diretoria da Festa para institucionalizar outras romarias.

O modo como acontece e a forma como se apresenta cada roteiro devocional depende do conteúdo sagrado e profano apropriado por cada cidadão ali presente. As mudanças espaciais ocorridas nas duas últimas décadas possibilitaram que a cidade de Belém pudesse receber um grande número de visitantes e turistas durante o período nazareno. A cultura local impregnada pela mesclagem do estilo europeu, africano e fortemente indígena é traduzida no multicolorido das peças teatrais, do arraial, da culinária, dos roteiros devocionais. É toda a força do regionalismo que se torna o fator de destaque neste grande evento religioso e cultural.

A dinâmica espacial passa pela funcionalidade local; envolve os meios para as alterações que vão naturalmente ocorrer quando a Grande Belém praticamente vai triplicar a sua população. É necessária a mobilização da sociedade local e do Poder Público para juntos dar suporte às pessoas que

chegam para oferecer bons serviços e produtos como: alojamento, segurança, lazer, divertimento, alimentação e transporte. Todavia, é importante ressaltar que a cidade de Belém, sendo uma Metrópole Regional, no período nazareno apenas extrapola suas funções para exercer outra: a cidade com função religiosa, passado este período tudo volta à normalidade, ao ritmo anterior.

A conceituação de lugar e de festa foi pensada e colocada nesta dissertação no âmbito regional de cunho profundamente amazônico, não apenas para resgatar o passado, mas também para imprimir no presente a necessidade da preservação do tecido histórico-cultural-religioso. A poesia e a música do renomado Sebastião Tapajós traduzem bem esse Lugar, com elementos exclusivos daqui, como o tacacá (composto da goma de mandioca, jambu, tucupi e camarão) servido em cuia tingida, ou a chuva que regula a vida das pessoas, quando a saída de casa acontece antes ou depois dela.

A fisionomia que a cidade mostra ao mundo neste período é impressionante: a grande massa populacional que circula no espaço urbano condiz com as características de um grande centro de convergência. Dá a impressão que são duas cidades sobrepostas, a Cidade Metrópole e a Cidade da Festa que interagem no mesmo sentido – o sentido das festividades Nazarenas. É necessário atender às exigências que a própria cidade de Belém impõe, no sentido de dimensionar e redimensionar seu espaço urbano com todos os aspectos próprios e inerentes às suas funções de Metrópole, sempre falta algo, porque assim a modernidade exige mesmo que a infraestrutura urbana apresente aos habitantes e turistas os serviços rotineiros voltados para o mercado nacional e internacional, bem como o outro lado do mesmo processo da nova economia urbana: uma centralização das funções de comando, especialmente aquelas concernentes aos instrumentos financeiros e serviços especializados. Contudo, a Cidade Metrópole sobrevive também das microeconomias geradas por setores denominados mais tradicionais, com dinâmicas de crescimento diferenciadas, entendendo este aspecto como economia informal ou flutuante que é extremamente importante para a ocupação de grande parte da população local.

Todavia, este evento nos deixa a cada ano, após sua realização, um grande aprendizado no sentido da prática da convivência pacífica, da solidariedade, da partilha, das emoções e sentimentos.

Resgatar neste trabalho detalhes do que acontece internamente no evento é um enorme aprendizado, é mergulhar nas raízes históricas através dos tempos, conhecer o que ainda era desconhecido, buscar detalhes, fragmentos dos fatos e escrever experiências vivenciadas desde 1976, ano que vim para Belém para cursar Geografia na Universidade Federal do Pará.

Um aspecto que é salutar expor refere-se à Cidade de Belém do Pará não como centro de peregrinações permanentes, mas também como centro de mobilidade transitória. Apenas a cada mês de outubro, este aspecto contribui para a amplitude deste fenômeno religioso, e que por força da aglomeração populacional com o mesmo objetivo, a manifestação do sagrado e do profano traduz de forma fugaz a efemeridade do evento.

Faz-se necessário fechar estas considerações expondo as fragilidades que dificultaram parte da construção deste texto, como a ausência de fontes que detalhassem as nuances e performances que permeiam os roteiros devocionais, este aspecto tornou-se o nó desafiador em busca da verdade que acontece por traz do sagrado, da devoção, das polivocalidades e das diversidades, e parte destes aspectos foram desvendados por meio da investigação narrativa como meio mais viável de tratar com o grande público e com a complexidade do evento.

A política do desenvolvimento do Círio se constitui de mediação institucional que favorece a gestão consciente de mecanismos reguladores, a cada edição do evento, do número dos que vivenciam as experiências de fé e esperança oferecidas pelo sistema que se inova permanentemente conforme o que se observa através do marketing, dos projetos inovadores e relevantes e da criação de novos eventos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Isidoro. **O Carnaval Devoto- um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém do Pará.** Petrópolis: vozes, 1980.

_____. **A Festiva Devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré: Dossiê Amazônia Brasileira II.** São Paulo: Estudos Avançados, 2005.

AMARAL, J.M.de F. **Círio de Nazaré: Informações úteis e importantes.** Belém: Mendes Publicidade, 2003.

ARAGÃO, R. **A Natureza da Investigação Narrativa.**São Paulo: Editora UNIMEP;1993.

BRANDÃO Carlos Rodrigues. **A Cultura na Rua.** Campinas; São Paulo. Ed. Papyrus.1989.

_____. **O Divino, o Santo e a Senhora.** Rio de Janeiro. Campanha da Defesa do Folclore Brasileiro. 1978.

BERQUE, Augustin. **Paisagem Marca, Paisagem Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural.** IN: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny(Eds). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EDUERJ,1998.

CANCLINI, N.G. **As Culturas Populares no Capitalismo.** São Paulo: Editora Brasiliense,1983.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: FFLCH, 2007.

_____; CARRERAS, Carles (Orgs). **Urbanização e Metropolização:** Estudos sobre a Metrópole.São Paulo: Editora Contexto;2005.

CORRÊA, Roberto Lobato;ROSENDAHL, Zeny (Orgs.).**Introdução à Geografia Cultural.**Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2003.

COSTA, Francisco de Assis *et alii.* **Círio de Nazaré de Belém do Pará.** In: REVISTA AMAZÔNIA: **Ciência e Desenvolvimento.** Belém, V.3, n. 6, 2008, p. 93-125.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** Rio de Janeiro; Zahar,1979.

_____.IN:Círio de Nazaré.Rio de Janeiro: IPHAN, 2006,p.30.

DEUS, Zélia Amador de. **Jornal da Universidade Federal do Pará,** Ano VI, Nº 65, 2008.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. DIEESE.**Registro Populacional do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, na Cidade de Belém-Pa.**2011.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: essência das religiões**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

_____. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

_____. Citado por COUTO, E.S. IN: Artigo: **Devoções, Festas e Ritos: Algumas Considerações**. Revista Brasileira de História das Religiões, Ano 1, n.1, s/a. p.1.

_____. Citado por PETRUSKI, Maura Regina. IN: Tese de Doutorado

Julho chegou... e a festa também: Sant'Ana e suas comemorações na Cidade de Ponta Grossa. 2008, p.8.

GADELHA, Regina Maria Fonseca. **Conquista e Ocupação da Amazônia: A fronteira norte do Brasil**. Estudos Avançados, São Paulo: v.16, n.45, 2002.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. São Paulo: Nacional, 1976.

GUARINELLO, Norberto L. In: SARAIVA, A.L. e SILVA, J.C. Artigo: **Espacialidade das Festas Religiosas em Comunidades Ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia**. Espaço e Cultura. UERJ, RJ. P.9, 2008.

_____. In: Castro, Edilece Souza. Artigo: **Devoções, Festas e Ritos: Algumas Considerações**, p.3, s/a.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE. **Censo da população atual da Cidade de Belém-Pa**. 2010.

Informe Publicitário. **Caminhos da Fé**. Edição Nº 02, Belém-Pa, 2010.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. IPHAN. **Registro Histórico do Círio de Nossa Senhora de Nazaré**. Belém-Pa: 2011

LOBODA, Carlos Roberto. **Práticas Socioespaciais e espaços públicos em Guarapuava-PR**. Tese de Doutorado em Geografia, Universidade Estadual Paulista. 2008.

MACIEL, Neila D. G. Raimundo de Oliveira: **um místico entre os modernos**. In: Cultura Visual, nº 13, Salvador: EUFBA, 2010.

MARTINELLI, M. **O Mapa do Geógrafo: Desenho Ingênuo ou Instrumento Estratégico?** VI Encontro Nacional de Geógrafos, Campo Grande: UFMS, 1986.

MAUÉS, R. Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas – Catolicismo Popular e controle Eclesiástico**. Belém: Cejup, 1995.

MEINIG, D.W. **O Olho que observa: Dez versões sobre a mesma cena**. In Revista. Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

Ministério da Cultura. Dossiê IPHAN. **Registro do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, na Cidade de Belém- Pa.** 2004.

MONTEIRO, Benedicto. **A História do Pará.** Belém/Pa: Fascículo 1, Jornal liberal.2001.

OLIVEIRA,C.D.M. **Basílica de Aparecida: um templo para a cidade-mãe.** São Paulo:Olho d'água,2001.

Organizações Rômulo Maiorana. Portal ORM. **Notícias do Círio de Nossa Senhora de Nazaré na Cidade de Belém do Pará.** 2011.

PANTOJA, Vanda. **Negócios Sagrados. Reciprocidade e mercado no Círio de Nazaré.** Dissertação de Mestrado. UFPA, Belém, 2006.

_____.**Um Caleidoscópio da Fé Paraense.**Jornal da Universidade Federal do Pará:Ano VI, N.65,p.1-2,2008.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica- Poética do Imaginário.** São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

_____. **A Questão Cultural Amazônica. Estudos e problemas amazônicos.**Belém: Cejup,1992.

PETRUSKI, Maura Regina..Tese de Doutorado. **Julho chegou... e a festa também: Sant'Ana e suas comemorações na Cidade de Ponta Grossa.**UFPR, 2008.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.

Revista Amazônia. **Ciência e Desenvolvimento.** Belém-PA: 2008.

ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Trilhas do Sagrado.** Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

_____.Artigo: **Território e Territorialidade: Uma Perspectiva Geográfica para o Estudo da Religião.**Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina; USP, 2005.

_____. Artigo: **Geografia e Religião: Uma Proposta.** Espaço e Cultura. Rio de Janeiro: 1995.

_____; R. L. CORRÊA (orgs). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

SANCHIS, Pierre. **A Religião numa Sociedade em Transformação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. IN: PETRUSKI,Maura Regina.Tese de Doutorado. **Julho Chegou... e a festa também.**UFPR,2008,p.1.

SANTOS, Milton. **Natureza do Espaço.** Editora da Universidade de São Paulo.2006.

_____. **A Cidade nos Países Subdesenvolvidos.**Rio de Janeiro:Ed. Civilização Brasileira S/A, 1995.

_____. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Nobel, 1997.

_____. IN: Artigo: **Globalização e Geografia**. Cidade e Vida Urbana, p.2.dd.

SILVEIRA, E. J.S. **Turismo Religioso Popular? Entre a ambiguidade conceitual e as oportunidades de mercado**. Espanha: Revista de Antropologia Experimental, n.4,2004.

_____. IN: **Revista Amazônia: Ciência e Desenvolvimento**. Belém, V.3,n.6.p.122.2008.

SIMMEL, George. **A Metrópole e a Vida do Espírito**. IN: Cidade, Cultura e Civilização. 1997.

VIANA, Artur. **Festas Populares do Pará**. Annaes da Biblioteca e Arquivo Público do Pará, t.III. Belém, 1904.

APÊNDICE

Apêndice 01



Universidade Estadual do Ceará - UECE

Pró- Reitoria de Pós- Graduação e Pesquisa

Centro de Ciências e Tecnologia

Programa de Pós –Graduação em Geografia- PROPGEO

QUESTIONÁRIO- TURISTAS, VISITANTES E HABITANTES

Nome: -----

- 1) Qual o seu lugar de procedência?
- 2) Há quantos anos você participa das festividades nazarenas?
- 3) Qual das procissões você prefere acompanhar?
- 4) Qual das romarias você prefere acompanhar?
- 5) Quantas procissões você acompanha durante as festividades?
- 6) Quantas romarias você acompanha durante as festividades?
- 7) Se não acompanha nenhuma procissão ou romaria, você fica em algum ponto da cidade para ver a passagem da Santa?

Anexo

Anexo 1

CRONOLOGIA DE DATAS E ACONTECIMENTOS IMPORTANTES DO SÉCULO XVII AO SÉCULO XXI

(Fontes: Dossiê IPHAN, Revista Amazônia, Portal do Círio)

1617 - Início da chegada das Ordens Religiosas; Fidalgo D. Jorge D'Alemó traz uma réplica da Virgem de Nazaré para Vigia;

1653 - Os Jesuítas iniciaram o culto à Nazaré em Vigia;

1700 - Achado da Imagem Original;

1719 - Desdobramento da Diocese do Maranhão; Belém passa a sediar a Diocese do Pará;

1720 - Construção da primeira ermida na casa de Plácido construída por ele mesmo;

1730 e 1774 - Construção da segunda ermida de taipa por Plácido e pelo devoto Antônio Agostinho;

1790 - Concedida a autorização para a realização da festa de Nazaré;

1793 - Reconhecimento da Imagem pela Igreja Católica; Primeira Procissão do Círio.

1799 - Início da construção de uma nova ermida de pedra e cal, por autorização do governo;

1802 - Inauguração da nova ermida;

1805 - Modo apoteótico de demonstração de milagres na criação e adoção de carros;

1826 - Exposição da veneração por parte do poder político por carros apoteóticos;

1835 - Único ano que não houve festa nem Círio, os cabanos tomaram de assalto a Cidade de Belém;

1845 - Santificação oficial do Círio;

1854 - O Papa Pio X concede indulgência para todo aquele que acompanhar o Círio descalço;

1855 - Substituição do Palanquim (carro puxado por cavalos ou bois) pela berlinda;

1859 - A primeira procissão do Recório que marca a mudança de um dia de festejo para uma quinzena, chamada quadra nazarena;

1885 - A corda foi oficializada com ícone, substituindo os animais que puxavam a berlinda;

1893 - 100 anos do Cório;

1901 - Concessão de indulgências por participação em qualquer dia do novenário; Fixado o segundo domingo de outubro para a Procissão oficial do Cório;

1904-1914- Construção da Basílica de Nazaré;

1909 - Criação do Primeiro Hino (*Vós sóis o lírio mimoso*);

1910 - Criação da Diretoria da Festa;

1926 - Reconhecimento da Basílica por Roma; Suspensão o uso da corda;

1930 - Surgiu a queima de fogos;

1931 - A corda voltou às mãos dos devotos por ordem do governador Magalhães Barata;

1947 - Descendentes da família imperial brasileira tomam parte do Cório;

1949 - Chegam a Belém os grandes aviões trazendo artistas e romeiros;

1964 - A berlinda ganhou ornamentação de flores naturais;

1966 - Aparecem as chuvas de papel picado estimuladas pela igreja para melhorar o visual;

1969-Primeira participação da Imagem Peregrina;

1971 - A Assembleia Legislativa do Pará, por meio da Lei 4. 371 declara Nossa Senhora de Nazaré Padroeira do Pará e Rainha da Amazônia;

1972 - Criação das peregrinações da Santa;

1974 - Criação da Guarda da Santa;

1975 - Criação do Novo Hino (Maria de Nazaré);

1977 - A PARATUR passa a montar arquibancadas na Avenida Presidente Vargas;

1978 - Primeira apresentação das Filhas da Chiquita;

1980 - Bênção do Papa João Paulo II;

1980-1982 - Criação de novos carros e barcas;

1981- Início da atuação da Cruz vermelha;

1982 - Construção do Conjunto Arquitetônico Nazareno (CAN);

1983 - Aumento da corda de 50m para 420 metros; Introdução da Corrida do Círio; O carro de foguetes é retirado; retornam os toques de clarins e há inserção das bandas, para fazer o “abre alas” para a procissão passar;

1985 - Início das transmissões via TV do Círio;

1986 - Início da Romaria Fluvial; Inaugurado o Museu do Círio;

1990 - Surgem as homenagens que incluem cantores;

1991 - Primeiro Festival da canção mariana;

1993 - 200 anos; Primeira apresentação do Auto do Círio;

1995 - Primeiro concurso de redação;

2003 - Início das peregrinações nos espaços privados (empresas, escritórios e Instituições).

2009 – Inaugurada a Casa de Plácido que serve de abrigo aos romeiros;

2010 - As estações ganham forma linear e não mais em “U” para cada uma abrigar 45 romeiros.